

JONATHAN FAGUNDES DA SILVA

**JUVENTUDE RURAL E TELEFONE CELULAR: CONSUMO,
APROPRIAÇÃO E SOCIABILIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2019

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

S586j
2019

Fagundes da Silva, Jonathan, 1994-
Juventude rural e telefone celular : consumo, apropriação e
sociabilidade / Jonathan Fagundes da Silva. - Viçosa, MG, 2019.
vii, 95 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Ivonete da Silva Lopes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f. 87-95.

1. Juventude rural. 2. Telefone celular. 3. Telefone celular - Compra. 4.
Telefone celular - Aspectos sociais. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Economia Rural. Programa de Pós-Graduação em Extensão
Rural. II. Título.

CDD 22. ed. 305.23

JONATHAN FAGUNDES DA SILVA

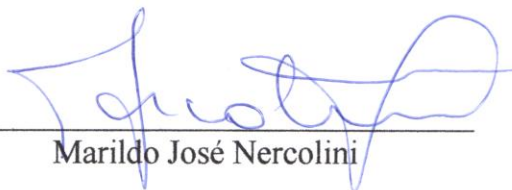
**JUVENTUDE RURAL E TELEFONE CELULAR: CONSUMO,
APROPRIAÇÃO E SOCIABILIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 20 de fevereiro de 2019.



Sheila Maria Doula



Marildo José Nercolini



Ivonete da Silva Lopes
(Orientadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos jovens rurais que se reinventam e criam estratégias para usufruírem o Direito à Comunicação. Também à minha mãe, Lucimar Auxiliadora Fagundes, por ser luz nos dias escuros e calma quando o mar está agitado; por me ensinar a ser esperançoso, firme e forte.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de um longo caminho percorrido nos últimos dois anos. Por mais que se considere este processo individual, nunca gostei de caminhar sozinho. E, o que deu mais cor e solidez a este trabalho foram as contribuições e a companhia de algumas pessoas especiais. A elas o meu agradecimento e o meu carinho.

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por estar comigo em todos os momentos. Por me acompanhar neste percurso e não me desamparar nos momentos de tribulações. Por me fazer sorrir com as pequenas conquistas diárias e por ser a luz que me guia. À minha mãe, Lucimar e aos meus irmãos, Lucas e Matheus, por compreender minhas ausências, me fazer sorrir quando nada dava certo e por me motivarem a dar o meu melhor sempre. Aos Fagundes, pelos ensinamentos e por me ensinar a amar e respeitar a cultura rural. À minha namorada, Thaiane, pelas conversas, sorrisos e aprendizado. Obrigado, por estar ao meu lado e me dar segurança na vida.

Obrigado, Prof.^a Ivonete! Pela acolhida desde quando fui à sua sala pela primeira vez. Por seus ensinamentos e por sua orientação dedicada que me inspira a ser um jornalista e pesquisador mais comprometido com o próximo. Estendo o agradecimento ao grupo de pesquisa Meios, pelas reflexões generosas e olhar atento ao meu trabalho. Em especial, a Margriet pela generosidade no trabalho de campo em Araponga-MG. À Roberta, Maria Inês, Jéssica, Guilherme e Luísa, por compartilhar os momentos de alegrias e desespero da vida acadêmica.

Gratidão às instituições que abriram suas portas para que eu pudesse compreender todo processo comunicacional realizado por meio dos telefones celulares. Aos alunos da Escola Família Agrícola Puris e aos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFV, por compartilharem suas histórias e me ensinarem a importância de valorizar o meio rural. E, ao CNPQ por me conceder uma bolsa para custear este trabalho.

Sou grato aos meus amigos do JSC e ASC pelo apoio, amizade e por alegrar meus dias. De modo especial, agradeço aos meus companheiros da Jornada: Ingrid, Jaqueline, Fabrício, Camila, Fernanda, Douglas e Vanessa, por

cada aventura ao longo desses dois anos. À Equipe de Música, pelas inúmeras canções e domingos divertidos.

Aos meus afilhados: Felipe, Lucas, João Batista, João Paulo, Rikelme, Pedro Bento, Vitor e ao pequeno Paulo Miguel. Obrigado, por acompanharem esse processo, mesmo sem entender muito bem como funcionava. Por estarem sempre solícitos e empenhados em crescer, mesmo quando não podia estar tão perto de vocês. E, pelas horas de riso, madrugadas de videogame e abraço apertado que me faziam lembrar a importância de viver e ser feliz mesmo fazendo uma pós-graduação.

Ao Rodrigo Fuscaldi e Douglas Pereira, minha gratidão por verem o melhor em mim. Ao Mateus Cerqueira, pela amizade e por ser meu exemplo de profissional. À Dayane, Ana Paula, Higor e Carolina, por fazerem dos nossos encontros um acalento para alma. Ao Mateus Dias, pela amizade desde a faculdade de Jornalismo e por ser um leitor atento do meu trabalho. A Renata, pela amizade de infância que se tornou irmandade. Ao Fabrício Capelão e Bruno Leão, pela companhia neste trajeto. A querida amiga, Kátia Fraga, pelo incentivo, parceria e generosidade ao longo dos anos.

Por fim, agradeço à UFV e todos os professores que compartilharam comigo seus conhecimentos. Ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e ao Departamento de Economia Rural por me acolher desde a Iniciação Científica até o Mestrado. Agradeço também ao Coral da UFV pelas amizades feitas e pelos anos de boa música que certamente deixarão saudade.

RESUMO

SILVA, Jonathan Fagundes da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2019. **Juventude rural e telefone celular: consumo, apropriação e sociabilidade.** Orientadora: Ivonete da Silva Lopes.

Esta dissertação tem por finalidade compreender como os jovens rurais inseridos em uma cultura de consumo utilizam o telefone celular. São observadas as motivações para comprar um aparelho, a maneira como é utilizado e como a sociabilidade é alterada neste contexto de intensa troca de informação. A pesquisa de caráter exploratório foi realizada com jovens rurais com idade acima de 18 anos. Entre os participantes, alguns são alunos do ensino médio na Escola Família Agrícola Puris, em Araponga, e outros, graduandos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa, Minas Gerais. Instituições que atuam no meio rural por meio da pedagogia da alternância, aliando o conteúdo, conhecimento da cultura rural e atividades práticas na aprendizagem. Foram realizadas 21 entrevistas em profundidade que apontam para uma utilização constante do telefone celular no cotidiano. Os relatos apresentados descrevem o aparelho como um elemento de inserção e diferenciação social, atuante na manutenção do status que o jovem possui na sociedade. As funções disponíveis no aparelho os auxiliam nas tarefas escolares e nas relações que se estabelecem no espaço acadêmico. As alterações na sociabilidade acontecem, principalmente, devido às redes sociais. Elas atuam como fonte de informação e como elemento de conexão entre os jovens e seus grupos sociais. No entanto, os jovens enfrentam desafios em suas comunidades para acessar os sinais telefônicos e de internet.

ABSTRACT

SILVA, Jonathan Fagundes da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2019. **Rural youth and mobile: consumption, appropriation and sociability.** Advisor: Ivonete da Silva Lopes.

This dissertation aims to understand how young rural people inserted in a culture of consumption use the cell phone. In this way, the motivations to buy a mobile, the way it is used and how the sociability is altered in this context of intense information exchange are observed. The exploratory research was carried out with rural youths aged over 18 years. Among the participants, some are high school students at the Escola Família Agrícola Puris, in Araçuaia, and others, undergraduate students of rural education from the Federal University of Viçosa, in Viçosa, Minas Gerais. Institutions that act through the pedagogy of alternation, combining knowledge and practice in learning. Twenty-one in-depth interviews were conducted that point to a constant use of the cell phone in daily life. The reports presented describe the cell phone as an element of insertion and differentiation, acting in maintaining the status that the young person has in society. The functions available in the mobile help them in the school tasks and in the relations that are established in the academic space. Changes in sociability happen due to social networks. They act as a source of information and as an element of connection between young people and their social groups. In contrast, young people face challenges in their communities to access telephone and internet signals.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Aspectos metodológicos	4
Estrutura da dissertação	7
CAPÍTULO 1: ESPECIFICIDADES DOS JOVENS RURAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	8
1.1. A condição juvenil na sociedade contemporânea.....	9
1.2. O curso de vida dos jovens rurais.....	13
1.3 Apontamentos sobre os estudos da juventude rural	17
1.4 A educação como instrumento de valorização do campo	22
1.5 O acesso à comunicação no meio rural	29
CAPÍTULO 2: “EU NÃO GOSTO DE SER IGUAL A NINGUÉM”: O VALOR DE USO E SIMBÓLICO DO TELEFONE CELULAR.....	35
2.1 A cultura de consumo na sociedade contemporânea.....	36
2.2 O valor simbólico de possuir um telefone celular	40
2.3 O significado de ter um telefone celular: consumo e apropriação	46
2.4 Para quê está servindo o celular na zona rural?.....	53
CAPÍTULO 3: SOCIABILIDADE E OS ARRANJOS SOCIAIS DOS JOVENS RURAIS.....	60
3.1 O conceito de sociabilidade.....	61
3.2 Laços sociais estabelecidos em comunidade	66
3.2.1 Redes sociais – Comunidade virtual	70
3.3 Conexões ou desconexões por meio do telefone celular?	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea se apresenta como um espaço de conexão mediada pelas tecnologias. Possivelmente, enquanto o leitor se prepara para mergulhar neste trabalho o telefone celular está em algum lugar ao seu alcance. O aparelho se tornou uma extensão do ser humano. Por meio dele são realizadas as funções mais simples, como o despertador, até as que requerem maior cuidado, a exemplo da vídeochamada, com auxílio da internet. De fato, temos nos tornado dependente desta tecnologia, utilizando-a para fins de comunicação, comércio, diferenciação social e outros. Entretanto, nesta dissertação objetiva-se compreender o consumo, a apropriação que os jovens rurais fazem do aparelho e se a tecnologia altera a sociabilidade no contexto rural. Temática que nem sempre é foco de pesquisas acadêmicas quando se associa tecnologia, comunicação e juventude rural¹.

No âmbito desta dissertação, considera-se juventude como uma categoria social que não se limita apenas à faixa etária estabelecida pelas instituições brasileiras² (PAIS, 1990). Ser jovem no país, de acordo com Estatuto da Juventude³, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, é ter entre 15 a 29 anos. Parte-se, então, de uma perspectiva plural, compreensiva de que se trata de uma categoria formada por diferentes sujeitos. Entre as pluralidades de juventudes presentes no país podemos destacar dois grupos: os jovens urbanos e os rurais. Os grupos apresentam diferenças no âmbito do trabalho, educação e acesso à comunicação.

O destaque é dado aos jovens rurais, que além dos anseios, carregam consigo as marcas da invisibilidade perante as políticas públicas, que não conseguem abarcar a sua pluralidade (SOUZA, 2016). Quando se aborda a temática da juventude rural é importante saber qual juventude está sendo estudada, uma vez que há dentro desta categoria diversos grupos como: jovens quilombolas; assentados; indígenas; militantes e outros. Dentro das sociedades

¹ O estado da arte realizado demonstra que há poucos trabalhos realizados sobre a temática comunicação e juventude rural. Ver discussão na página 25.

² Esta discussão será abordada no capítulo 1.

³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso 13 de março de 2018.

rurais, esse segmento carrega a responsabilidade de dar continuidade ao modo de vida rural. O trabalho é a forma como eles aprendem técnicas que visam dar continuidade aos saberes e valores que garantem a existência do rural (WOORTMANN, WOORTMANN, 1997).

As juventudes urbanas e rurais compartilham de experiências similares, por exemplo, quanto à utilização do telefone celular⁴. O surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) é parte das mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea e que permitem ao usuário uma diversidade de possibilidades para acessar e distribuir conteúdo. Entretanto, a sua utilização não é privilégio apenas dos moradores das áreas urbanas. Assim como o rádio e a televisão adentraram no espaço rural proporcionando aos moradores do campo saber o que acontece no Brasil e em outras partes do mundo, as novas tecnologias, ainda que de forma limitada - devido ao acesso precário aos sinais de comunicação nas áreas rurais-, podem oferecer mais informação sobre acontecimentos regionais ou nacionais (CARNEIRO, 2007).

Ainda que as TICs coexistam em ambos os espaços, parte-se da premissa de que os usos que um jovem rural faz do telefone celular em relação ao jovem urbano são distintos. Uma das diferenças entre os jovens rurais e urbanos refere-se à possibilidade de acesso, seja ao sinal telefônico, a conexão à internet e o valor de aquisição do produto. Os dados apresentados nesta dissertação apontam as dificuldades e as estratégias criadas pelos jovens para poderem utilizar o aparelho para uma simples ligação ou para responder a uma mensagem. Essas peculiaridades que os espaços o rural e o urbano podem apresentar quanto ao uso do telefone celular é que motivou este estudo. A importância do trabalho ocorre também devido à emergência do aparelho celular no cenário atual, substituindo muitas vezes o rádio, a televisão e o computador, como ferramenta para obter informação, lazer, trabalho etc.

O uso do telefone celular tem crescido consideravelmente desde o fim do século XX. Da mesma forma, os modelos do dispositivo também têm se aprimorado com o passar dos anos. Há uma sofisticação do design do aparelho e

⁴ Neste trabalho utilizaremos “telefone celular” para se referir também aos aparelhos *smartphones*, por considerar que o uso do termo amplia a discussão e não se limita apenas aos aparelhos que possuem conexão à internet.

também das funções internas. A recente pesquisa TIC Domicílios de 2017, realizada pelo Comitê Gestor da Internet (CGI) aponta que quase 157 milhões de brasileiros possuem ao menos um aparelho. Conectam-se ao dispositivo para fazer atividades diversas, sendo que tirar fotos; ouvir músicas; ver vídeos, mandar mensagens são as preferidas dos jovens. O acesso às redes sociais tem crescido entre esse público, no entanto a pesquisa revela que esta ainda não é uma função prioritária.

A TIC Domicílios (2017) revela que o celular aparece como a tecnologia mais utilizada para acessar a internet nas áreas rurais. Um dos motivos é a falta de cabeamento em fibra ótica que leva o sinal para os locais ou devido ao custo financeiro do computador em relação ao telefone celular. A Secretaria de Comunicação do governo brasileiro publicou em 2016 um estudo em que 91% dos entrevistados acessam a internet por meio do telefone celular. O aparelho é utilizado para realizar outras tarefas, como assistir televisão e ouvir rádio.

A forma como as tecnologias são utilizadas pode variar entre pessoas. O recente trabalho de Fraga (2018) sobre a presença no rádio no cotidiano dos rurais e a dieta de mídia traz considerações importantes a respeito do uso do celular. O aparelho surge em segundo lugar, ficando atrás somente da televisão. Ele é utilizado não apenas como uma ferramenta de comunicação, mas também de entretenimento e interação, sobretudo para os jovens. Contudo, a forma de acesso a esta tecnologia e aos demais meios de comunicação se alteram de um município para outro devido ao sinal telefônico, de internet e etc.

Levando em consideração o crescente uso do telefone celular no meio rural, esta dissertação parte da seguinte questão problema: de que maneira o telefone celular, sob a ótica da cultura de consumo⁵, adentrou o espaço rural e foi capaz de proporcionar aos jovens rurais novas maneiras de comunicação, socialização e diferenciação em suas relações cotidianas?

O objetivo principal é o de averiguar a maneira como os jovens rurais que estudam na Escola Família Agrícola Puris em Araçuaia, e no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa se

⁵ Entende-se como cultura de consumo o fenômeno marcado pela excessiva produção de mercadorias e exacerbado consumo capaz de promover mudanças sociais. O tema será abordado no capítulo 2.

relacionam com o telefone celular por meio do consumo, apropriação e sociabilidade.

Aspectos metodológicos

O recorte metodológico escolhido para responder ao problema de pesquisa e atingir o objetivo contou com a participação de jovens que escolheram a Educação do Campo como caminho de aprendizado. A escolha desse público se deu em consideração ao modelo pedagógico de alternância, que é voltado para a permanência do jovem no campo. Esses jovens estão em trânsito quinzenalmente e necessitam se comunicar com a família, amigos e instituição de ensino. Nesses deslocamentos a utilização do telefone celular pode acontecer em diferentes contextos e por diferentes fatores. Relevante perceber a hibridação ou redução das fronteiras entre rural e urbano a partir deste modelo educacional que preza pela valorização do rural. O celular, tecnologia vista no senso comum como urbano, está inserido no cotidiano desses jovens e muitas vezes incorporado às dinâmicas de sala de aula.

As instituições de ensino escolhidas para esta pesquisa atendem públicos em diferentes níveis de educação. A Escola Família Agrícola Puris, em Araponga, Minas Gerais, recebe jovens que estão cursando o ensino médio. Foi criada em 2008 por iniciativa de membros dos movimentos sociais do município (MIRANDA, 2014). Suas atividades iniciaram embaixo de um pé de manga, com dificuldades, mas com a finalidade de ter uma educação que incentivasse os filhos dos agricultores a atuar no meio rural. Até 2018, a escola atendeu 67 alunos, para manter os custos conta-se com a colaboração das famílias dos estudantes.

Os outros participantes da pesquisa são alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo (Licena) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Localizada no município de Viçosa, Minas Gerais, a instituição recebe anualmente 60 novos alunos no curso. Em 2018, há registro de 283 alunos matriculados que buscam uma formação multidisciplinar para atuar no campo e compartilhar os saberes aprendidos durante a graduação. O curso também segue o modelo de pedagogia da alternância em que os alunos passam um período na

instituição e outro na comunidade aplicando os ensinamentos (PROJETO PEDAGÓGICO, 2014).

A pesquisa possui caráter explicativo à medida que visa “registrar, analisar e interpretar os fenômenos estudados” (ANDRADE, 2010, p.112). Ou seja, a intenção foi compreender o uso e apropriação do celular por jovens rurais e as novas formas de sociabilidade mediadas pelas TICs. Quanto ao procedimento utilizado neste trabalho optou-se pela entrevista em profundidade. A participação se deu de maneira voluntária com jovens que tivessem mais de 18 anos. Assim, ao saberem da proposta da pesquisa 12 alunos da escola se interessaram em conceder a entrevista e nove estudantes do Licena. O método utilizado, segundo Minayo (1994; p.57), é a escolha mais usual entre os pesquisadores nas Ciências Sociais. Isso porque “ela [a entrevista] não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada”. Também foram realizadas anotações em um caderno de campo. Nele consta percepções a respeito do comportamento dos estudantes em horário de aula, momentos livres, reuniões e atividades culturais. Após a realização das entrevistas o material foi transcrito, organizado e preparado para ser analisado. As considerações que se apresentam são frutos de leituras e das interpretações realizadas sobre o material coletado. Posteriormente, serão apresentados às instituições, para que possam fomentar o debate sobre a utilização da tecnologia durante as aulas.

As entrevistas proporcionaram delinear o perfil dos entrevistados (Tabela 1). Observou-se entre os jovens uma clareza e firmeza ao se classificarem racialmente. Refletindo aspectos étnico-raciais da região, espaços indígenas e quilombolas, por exemplo. Contudo, essas discussões poderão ser feitas em futuras pesquisas. Para este trabalho, convém fazer uma breve consideração a respeito da renda dos entrevistados. A renda média entre os 21 participantes que declararam é de R\$824,00, menos que o salário mínimo de R\$954,00. Percebeu-se que o modelo de trabalho realizado no meio rural, geralmente, é temporário, seguindo a produção da lavoura.

Tabela 1: Perfil dos entrevistados

Nome fictício	Idade /anos	Class. Racial	Cidade/ Comunidade	Estado Civil	Curso/ Período	Renda/mês
Tobias	18	Indígena	Centro/Canaã	Solteiro	2º ano EFA	2 salários
Rafael	18	Pardo	Córrego Mutuca/Araponga	Solteiro	2º ano EFA	Não declarado
Miguel	18	Pardo	Centro/Canaã	Solteiro	2º ano EFA	Meio salário
Emanuel	19	Pardo	Centro/Araponga	Solteiro	2º ano EFA	1 salário
Natanael	18	Branco	Santa Cruz/Araponga	Solteiro	2º ano EFA	2 salários
Sara	26	Pardo	Santa Cruz/ Araponga	Solteira	2º ano EFA	Não declarado
Joaquim	20	Pardo	Serrinho/Araponga	Solteiro	2º ano EFA	Não declarado
Tomé	19	Preto	Areia Branca/Araponga	Solteiro	2º ano EFA	1 salário
Felipe	18	Pardo	São Joaquim/Araponga	Solteiro	3º ano EFA	1 salário
Laura	19	Preta	Centro/Canaã	Solteira	3º ano EFA	1 salário
Saulo	18	Preto	São Domingos/Araponga	Solteiro	3º ano EFA	2 salários
Lavínia	18	Parda	Vargem Alegre/Araponga	Solteira	1º ano EFA	1 salário
Gustavo	19	Preto	Quilombo Borá/Brasília de Minas	Solteiro	6º período Licena	2 salários
Natalia	21	Preta	Macaúba Palmito/Bocaiúva	Amasiada/ 2 filhos	2º período Licena	1 salário
Mateus	18	Preto	Carioca/Piranga	Solteiro	2º período Licena	1 salário
Tiago	19	Pardo	Córrego do Peixe/Piranga	Solteiro	2º período Licena	1 salário
Michelle	19	Preta	Córrego do Sossego/Simonésia	Solteira	2º período Licena	1 salário
Elizabeth	20	Indígena	Patrimônio da Penha/Divino de São Lourenço/ES	Solteira	4º período Licena	Aprox. R\$500,00
Tadeu	19	Preto	São João da Figueira/Durandé	Solteiro	2º período Licena	1 salário
Maria	19	Preta	Quilombo/Brasília de Minas	Solteira	2º período Licena	Menos de 1 salário
Pâmela	20	Parda	Quilombo/Brasília de Minas	Solteira	2º período Licena	Aprox. R\$ 300,00

Fonte: elaboração própria.

Estrutura da dissertação

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro deles discorre sobre o conceito de juventude rural. A discussão explora a juventude como uma categoria social emergente capaz de demarcar um estilo de vida. Longe da demarcação etária, ser jovem pode-se referir às ações que os sujeitos realizam na sociedade contemporânea. No entanto, o recorte refere-se aos jovens rurais e às trajetórias de vidas apresentadas a eles. Uma das alternativas é a permanência no campo e a valorização da cultura proporcionada pela Educação do Campo. Dessa forma, o capítulo também apresenta este contexto educacional em que os jovens participantes desta pesquisa estão inseridos.

O segundo capítulo está direcionado ao consumo do telefone celular. O aparelho se apresenta como um símbolo de status. Sua posse diz respeito a um consumo de uso e outro simbólico. Dessa forma, observa-se a maneira como o celular está inserido no cotidiano dos participantes em diferentes aspectos. Nota-se que a motivação para adquirir um aparelho surge do contato com o outro. Não se pode afirmar que o telefone celular não era necessário antes desse contato. Contudo, observa-se que a partir da interação com o outro, geralmente na escola ou cidade, os jovens rurais se veem estimulados a adquirir um aparelho. Além dessa necessidade de uso, questiona-se o modo simbólico em que a tecnologia atua, seja como elemento de inserção e/ou diferenciação social.

O terceiro capítulo retrata as interações estabelecidas mediante a utilização do dispositivo. Ganha destaque nessa discussão o modo como as redes sociais tem proporcionado mudanças na maneira de se comunicar e de estar com o outro. O fluxo interacional rompeu as fronteiras físicas e pode proporcionar aos jovens rurais manter os laços sociais já existentes e criar novos.

CAPÍTULO 1: ESPECIFICIDADES DOS JOVENS RURAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

“É difícil imaginar um sítio de vizinhança sem os jovens. Perde a graça. Por mais precárias que sejam as condições imediatas de vida, são os jovens que organizam as atividades lúdicas e religiosas, que dão vida aos pequenos lugares rurais. São eles também que tentam vencer o relativo isolamento do campo, para integrá-lo, sob formas diversas, à vida das cidades e ao pleno exercício da cidadania”.
(Maria de Nazareth Baudel Wanderley, 2011).⁶

A juventude é quem dá dinamicidade à sociedade, seja rural ou urbana. Tradicionalmente, são os jovens que anseiam e estimulam mudanças sociais, assim como são os mais afetados com as alterações que vivemos na sociedade contemporânea. Nos estudos sociológicos já foram designados como: classes perigosas, jovens revolucionários, jovens acomodados. Na contemporaneidade surgem como sujeitos de direitos, que se afirmam enquanto uma condição social, motivados pelas suas interações e ações de socialização (PONTES; IULIANELLI, 2013). Ao discutir o conceito de juventude rural, esta dissertação se propõe a uma imersão no contexto desses jovens, trazendo reflexões sobre a condição comunicacional que estes sujeitos vivenciam em diferentes contextos cotidianos.

Este capítulo busca compreender não a juventude, mas sim, as juventudes, partindo do princípio de sua pluralidade como atores sociais. Dessa forma, faz-se uma breve revisão sobre a condição juvenil na sociedade contemporânea, percebendo-a para além da sua faixa etária, buscando compreender os aspectos que a caracterizam. Posteriormente, discute-se a juventude rural e as suas especificidades e na sequência o estado da arte sobre a relação dos jovens rurais com as novas tecnologias, o que evidencia a necessidade da realização de mais estudos com esta abordagem.

Para finalizar o capítulo, são discutidos os eixos temáticos da Comunicação, exemplificando como as novas tecnologias, principalmente o

⁶ Disponível em: PAULO, Maria de Assunção Lima de. Juventude Rural: suas construções identitárias. Ed. Universitária da UFPE, Coleção Teses e Dissertações, n. 74, Recife, 2011.

telefone celular, estão presentes no cotidiano dos jovens. Além disso, é apresentada a Educação do Campo, pano de fundo para este trabalho, uma vez que a pesquisa foi realizada em duas instituições de ensino voltadas para o meio rural que se dedicam à formação dos jovens e que primam pela valorização do campo e suas atividades.

1.1. A condição juvenil na sociedade contemporânea

A juventude é uma categoria social que no século XX ganhou destaque, sobretudo, devido a sua relação com o consumo. Os modos de agir dos jovens revelaram a emergência dos estudos nas Ciências Sociais que abordassem o grupo, além de uma unidade com interesses comuns, mas também, em sua heterogeneidade, observando que há diferenças significativas dentro desta categoria. Assim, não se pode limitar o conceito de juventude, considerando que cada contexto social interfere no modo como o indivíduo vivencia essa etapa da vida. Dessa forma, devemos partir de uma ideia plural que nos permita falar em juventudes (PAIS, 1990).

Os estudos sociológicos têm demonstrado a fragilidade em conceituar a juventude, ora sendo abordada em termos etários, como uma fase da vida, ora por ser tratada como um conjunto social diversificado demais que muitas vezes agrupa universos que não tem nada em comum (PAIS, 1990). Além disso, surge também a ideia de culturas juvenis, no plural porque se trata dos modos como os diferentes jovens aderem a valores e condições esboçando o comportamento característico desse grupo (GUIMARÃES; MACEDO, 2009).

Historicamente, segundo Pais (1990), os jovens já foram vistos como: problemas sociais; irresponsáveis; desinteressados; ameaça aos adultos e outros. Além disso, Guimarães e Macedo (2009) destacam que no século XVIII o filósofo Jean Jacques Rousseau começou a categorizar os jovens como aqueles que desejam se tornar adultos rapidamente. Desde então, eles têm sido pensados a partir das outras fases da vida, como a infância e a vida adulta, assim, a juventude se torna um momento de passagem em que eles deveriam conquistar um emprego, ter uma casa e se casar (PAIS, 1990).

Nos anos de 1950 e 60 a juventude se tornou protagonista de uma crise de valores e de um conflito entre gerações, por simbolizar a modernidade e a renovação, uma fase de transição que se permite experimentar e formar identidades baseadas em suas escolhas (ENNE, 2010). Na América Latina, o movimento dos estudantes a fizeram ser taxada como “rebeldes sem causa”. Na década seguinte, 1970, eles eram vistos como um impasse econômico, porque necessitavam de empregos, mas também, se tornavam ameaças aos adultos (CRUZ, 2000; PAIS, 1990).

A juventude apareceu como uma categoria a ser analisada como uma fase da vida a partir do momento que ela passou a ser vista como um problema social. Na sociedade medieval, por exemplo, não havia a demarcação da juventude, a criança quando já se desenvolvia fisicamente frequentava os espaços adultos e participava dos trabalhos (GUIMARÃES; MACEDO, 2009). Contudo, ao longo dos anos tem se mostrado necessário estudar o que compõe essa fase da vida, fazendo-se importante pensar além da demarcação etária (PAIS, 1990).

A respeito da faixa etária, Bourdieu (1984) destaca que a essas divisões construídas socialmente são arbitrárias e estão diretamente relacionadas a questões de poder. A juventude, para ele, é vista apenas como uma palavra manipulável utilizada para estabelecer um lugar e uma ordem na qual a pessoa deve se inserir. Trata-se de uma construção social resultante das disputas entre jovens e velhos. A velhice é encarada como um declínio, como a perda de poder social. Por isso, a utilização do termo juventude manipulou a muitos a verem os jovens como irresponsáveis, impedindo-os de aspirar poder e suceder aos mais velhos.

Ser jovem no Brasil, de acordo com Estatuto da Juventude⁷ Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, é ter entre 15 a 29 anos, porém, isso não é suficiente para caracterizar a juventude brasileira. O sociólogo português João Machado Pais, na década de 1990, já destacava a juventude como um grupo uno, demarcado pelo recorte etário, e diverso, porque os jovens se distinguem uns dos outros, até mesmo no sentido etário há divergências, por exemplo, a vivência estudantil que um jovem de 15 anos possui se difere do jovem que possui 25 anos. Para o autor,

⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso 13 de março de 2018.

é possível pensar em duas correntes sociológicas que ajuda em uma melhor compreensão desta categoria.

A corrente geracional, demarca a juventude como uma fase da vida, com discussões centradas nas continuidades e descontinuidades dos valores intergeracionais, ou seja, os jovens são vistos em referência a outras gerações. Já a visão classista, apresenta os jovens em sua dimensão política, com diferenças sociais e culturais em relação às demais classes. Seria limitante pensar nessas correntes como opostas, pelo contrário, juntas elas nos ajudam a entender a juventude como uma categoria cultural, marcada pela adesão de valores diversos e com práticas cotidianas que possuem significações, seja de enfrentamento, libertação, ameaça ou não aos valores tradicionais (PAIS, 1990; GUIMARÃES e MACEDO, 2009).

O curso da vida é marcado por fases, e a juventude, segundo Pais (2009), atualmente, ainda pode ser determinada pela entrada na vida adulta. Porém, os ritos que demarcavam a passagem para outra fase (obtenção do emprego, casamento, filhos e outros) são substituídos por impasses na sociedade contemporânea. A idade, por exemplo, não é capaz de sinalizar uma fase da vida como antigamente, porque as definições de uma etapa dizem respeito mais a direitos e aos deveres políticos jurídicos.

Por muito tempo, em algumas sociedades, para entrar na vida adulta era necessário passar por um rito de passagem. A Festa dos rapazes, em Portugal, para ilustrar, é uma celebração que acontecia por 12 dias em que os jovens usavam trajes chamativos, demonstravam sua resistência física e prendiam as mulheres para simular atos sexuais. Essa era a maneira de fazer com que o jovem se tornasse adulto. Nem sempre foi utilizada uma festa, mas como já mencionado ter um emprego, se casar, ter filhos e a casa própria, também são simbolismos que marcam a passagem para outra fase da vida (PAIS, 2009).

As situações de impasses que alteram a condição juvenil ganham forças no século XXI devido à condição instável da economia, a influência da mídia e a força da cultura de consumo. Assim, surge o fenômeno das gerações sanduíches, que são aquelas em que o indivíduo age ora como adulto, ora como jovem, desenvolvendo trajetórias de vidas reversas, que se casam e separam, trocam de

emprego constantemente. As fronteiras estão desestabilizadas, por isso, não há status fixo, porque muitas vezes o que o jovem tem no momento, em seguida, poderá deixar de ter, acarretando numa dependência familiar (PAIS, 2009).

Na sociedade contemporânea a juventude é vista como categoria-chave, especialmente, por sua relação com o consumo e com a mídia, sendo capaz de promover uma reconfiguração das identidades (ENNE, 2009). Hoje, mais do que desejar ter um emprego, formação acadêmica ou se casar, os jovens têm o desejo de estar conectados e consumir. Acreditam que, por meio do consumo, têm a possibilidade de demarcar sua existência (CANCLINI, 2009).

Neste contexto, há a possibilidade de reconfigurar suas identidades baseando-se, em parte, no consumo. Assim, surge, muitas vezes, a necessidade de assumir máscaras sociais que permitam as pessoas transitar por vários espaços, assumindo status que são mantidos pelo consumo. A juventude, então, aparece como um estilo de vida, um modo de ser e estar no mundo, permeada por interações e trocas simbólicas que necessitam ser interpretadas e compreendidas pelos agentes. Ou seja, juventude se torna uma forma de ver o mundo e estar inserido nele, porque possui um potencial renovador, aberto às novas experiências (ENNE, 2009).

A mudança do estereótipo de juventude deixa de ser a do “rebelde sem causa”; “ativista”; “alienado”; “hippie” e passa a ser um estilo de vida moderno, “antelado” e “conectado”. Mesmo com essa transformação da percepção social sobre a juventude, ela acaba sendo ignorada quanto à necessidade de ser ouvida e reconhecida na sociedade devido aos estereótipos arraigados. O contexto da cultura de consumo, da ampliação das produções midiáticas, novas tecnologias, ajuda a promover uma nova configuração identitária que passa a delinear o estilo de vida jovem, levando, por exemplo, adultos e idosos a terem hábitos tidos como juvenis. Contudo, o desejo de ter um estilo de vida juvenil pode fazer com que os sujeitos se afastem da sua realidade e queiram consumir signos em busca de uma aparência e não de uma sociedade justa (ENNE, 2009).

Muitas vezes o estilo de vida assumido pelo jovem é uma forma de contestação, de ele se manifestar politicamente, buscando romper com as instituições tradicionais. A sua identificação com determinado grupo não fica

restrita à reprodução de ações, mas envolve, principalmente, confronto, produção e troca de saberes (CRUZ, 2000). Em contrapartida, o desejo de ser liberto das instituições tradicionais não o preserva do consumo e seus efeitos, porque são os jovens um dos principais alvos das indústrias (cultural, mercadológica, midiática) (ENNE, 2009).

No que se refere à indústria midiática é possível perceber que os jovens são influenciados pelos conteúdos veiculados, já no final do século XX surgiram pesquisas abordando como eles eram afetados. O jovem não só deve ser visto como alguém que se apropria e reproduz a linguagem midiática, mas também, pode ser notado como um sujeito ativo, capaz de criticar e inovar com base nas mensagens recebidas (SETTON, 2009).

Durante muito tempo houve uma preocupação com os efeitos da televisão no imaginário dos jovens, porque o aparelho era visto como um instrumento ideológico por parte da mídia dominante e do Estado. Atualmente, a relação dos jovens com a internet ascendeu e reforça a ideia de que eles possuem uma maior facilidade com as tecnologias (ibidem). Entretanto, a mídia afeta no modo de vida dos jovens, independente do contexto social do qual eles fazem parte, e também na forma como eles consomem e se inserem na sociedade⁸.

1.2. O curso de vida dos jovens rurais

Os jovens rurais, assim como a sociedade camponesa, historicamente estiveram à margem da sociedade. O desenvolvimento dos países, de forma geral, acontece com foco na cidade, na urbanização. Ser jovem, como já mencionado no tópico anterior, envolve a busca por visibilidade, ser jovem e rural envolve um esforço ainda maior para ter espaços de fala. Guimarães e Macedo (2009) ao discutirem sobre a categoria e seus significados, destacam que na Idade Média (séc. V – XV) a juventude não era percebida como uma fase da vida, ou eles eram tratados como crianças ou já como adultos. Dessa forma, a socialização dos jovens era dentro desses grupos causando conflitos em relação ao pensamento, prática de trabalho, sexualidade e etc. Posteriormente, no século XVIII, é que os

⁸ No segundo capítulo deste trabalho vão ser abordados os efeitos da cultura de consumo e como ela influencia no cotidiano dos jovens.

jovens passam a serem vistos como um grupo que necessita ser preparado para assumir funções, no caso do homem o trabalho e no das mulheres se tornarem esposas e mães.

Não muito diferente da constatação feita pelos pesquisadores, a sociedade camponesa, que possui como marca principal a relação com a terra, por um longo período agiu de modo semelhante com os jovens. A busca pela subsistência delineou na unidade familiar uma divisão de trabalho cabendo a cada integrante uma função específica na manutenção da vida. Tornou-se importante também a transmissão dos valores, do saber-fazer, característico dos rurais, fazendo surgir os jovens como protagonistas da continuidade do modo de vida rural (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997).

A construção dos papéis na sociedade rural envolve também a reprodução de assimetrias de gênero, até a distribuição de alimentos acontece de forma compensatória em que os homens recebem alimentos fortes, porque são tidos como os que realizam os trabalhos mais árduos, utilizam as melhores ferramentas. Já às mulheres e às crianças cabe reaproveitar as ferramentas dos homens, trabalhar na casa e comer alimentos fracos, porque o trabalho realizado é considerado leve. O jovem homem é tratado de forma semelhante ao adulto e após passar pelo rito de passagem, geralmente ligado à iniciação sexual, passa a ser preparado para assumir o controle da unidade familiar, caso o pai se ausente (ibidem).

Tanto a jovem mulher quanto o homem recebem na família os ensinamentos para dar continuidade aos modos de vida rural, sendo que esta é uma das principais preocupações dos pais. A transmissão dos valores e saberes dos mais velhos para os jovens é importante para manter a continuidade dos rurais, dessa forma, quando eles já dominam os códigos já se tornam aptos a constituir uma nova família (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997). Para os jovens, os caminhos são direcionados à responsabilidade doméstica ou à continuação dos estudos na cidade. Uma das consequências observadas nos últimos anos é a diminuição da participação delas na agricultura, principalmente, pela falta de autonomia e por não terem direito de trabalhar ou herdar a terra.

Contudo, sair do campo para estudar não tem sido uma alternativa apenas das mulheres, mas também, dos homens (CASTRO, 2013).

Durante muitos anos a formação escolar esteve destinada apenas às elites agrárias, buscando capacitar os filhos dos grandes fazendeiros em profissões como advogados, professores, médicos e outras. A alternativa encontrada pelos fazendeiros era o envio dos filhos para os grandes centros. No Brasil, essa preocupação com a educação esteve centrada nas áreas urbanas, deixando as áreas rurais à margem desse processo. A preocupação com a formação escolar dos rurais apareceu em alguns períodos, como, após o fim da escravidão, houve uma busca por trabalhadores para a produção do café, fazendo surgir algumas escolas rurais visando à capacitação técnica. Porém, tempos depois, as escolas passaram a ser destinadas à formação técnica para a indústria. (FERREIRA, 2011; SANTOS, 2014). Ou seja, o ensino era voltado para a capacitação e não tinha uma preocupação com a valorização do rural.

A preocupação com uma formação escolar para crianças e jovens centrada na valorização do campo surge com as Escolas Famílias Agrícolas (EFA) na França, em 1935, e chega ao Brasil, em 1968, motivado pela insatisfação dos jovens com o modelo de ensino aplicado nas escolas da época. De acordo com a União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (Unefab), o modelo pedagógico da EFA é de alternância, no qual os alunos passam períodos na instituição e na sua comunidade, aprendendo os conteúdos da base comum curricular e técnicas agrícolas. Segundo a Unefab (1982), “as EFAs são uma tentativa de resposta aos grandes problemas vividos pelo homem do campo, buscando o resgate/construção de sua cidadania e valorização da cultura”. Dessa forma, os jovens são preparados, com o auxílio dos pais que presam pela transmissão do saber-fazer, para dar continuidade e preservar as sociedades rurais.

A dificuldade até então abordada sobre a educação se refere à formação dos jovens em nível médio, porém, com já dito as mulheres, e até mesmo os homens, têm visto a necessidade de buscar uma formação superior. O estudo realizado por Cardoso (2015) no Assentamento Sílvia Rodrigues, em Alto do Paraíso, Goiás, aponta para o desejo dos jovens em ter uma formação superior para contribuir com as demandas coletivas, porque um advogado de origem rural,

por exemplo, saberia lidar melhor com as demandas do grupo, por compartilhar da mesma realidade. Entretanto, o acesso ao ensino superior esbarra na saída dos jovens da zona rural para ingressar numa instituição na área urbana, esse processo migratório não é bem quisto de forma unânime. Uma das alternativas encontradas seria o ensino a distância, porém, o serviço de comunicação nas áreas rurais ainda não funciona para essa opção ser plenamente efetiva.

O movimento das EFAs, a reforma agrária e tantas outras pautas políticas são frutos da luta e engajamento dos rurais na busca por condições igualitárias perante aos órgãos públicos e à sociedade de uma forma geral. A organização política dos rurais é uma das principais formas de subsistir na sociedade contemporânea, mas, anteriormente já havia essa necessidade, principalmente pela má divisão das terras ocorridas no país. Os movimentos messiânicos, as Ligas Camponesas, os sindicatos e outros, surgem dessa necessidade de igualdade, entretanto, o papel dos jovens nesses movimentos nem sempre foi valorizado da forma que deveriam, sendo notados a partir da necessidade de dar continuidade aos trabalhos e pela emergente mudança na forma de comunicação da sociedade (MARTINS, 1986; SANTOS, 2007).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que surgiu em meio à Ditadura Militar (1964-1985), demonstra a necessidade de organização e continuidade dos movimentos sociais. Dessa forma, sempre existiu a preocupação em realizar reuniões e assembleias para resolver os impasses. Ao longo do tempo, se tornou necessário formar os participantes da luta, assim, os jovens que sempre estiveram presentes nas atividades, só anos mais tarde, em 1999, começam a ser percebidos como peça fundamental para as demandas do grupo (SANTOS, 2007).

A participação dos jovens nos movimentos políticos, segundo Pontes e Iualinelli (2013), cresce nos anos 1990, e é a grande responsável pela integração de temáticas específicas da juventude nas políticas públicas. Contudo, os autores afirmavam, naquele contexto, que este ainda é um espaço pouco explorado. Coadunando com Santos (2007), os estudiosos destacam que os movimentos tiveram que se abrir às novas formas de participação social, entretanto, a autonomia e cooperação são alguns dos desafios que eles enfrentam para se afirmar neste espaço. Em contrapartida, os jovens conquistam mais espaço por

conseguirem se apropriar das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), possibilitando novas formas de estratégias e articulações de mobilização para os movimentos.

A presença dos jovens na sociedade rural não é tão diferente da atuação dos jovens, em geral, na sociedade, pois eles estão vivenciando uma fase de transição no qual definem seus caminhos. Anteriormente, sua trajetória estava destinada à continuidade do modo de vida rural, hoje, já se nota outras possibilidades como opção para os jovens, não que a anterior seja anulada, mas podem ser reorganizadas e ressignificadas. A revisão a respeito dos estudos sobre os jovens rurais conseguem evidenciar tais mudanças de modo significativo.

1.3 Apontamentos sobre os estudos da juventude rural

Entre a pluralidade de juventudes presentes no Brasil podemos destacar dois grupos: os jovens urbanos e os rurais. Uma das principais diferenças entre os dois grupos está relacionada à sua maneira de lidar com o trabalho, já que no contexto urbano os jovens lidam com assalariamento e no rural os jovens têm dificuldade de alcançar autonomia porque o seu trabalho está, boa parte das vezes, vinculado à continuidade do trabalho sobre a terra desenvolvido pela família (CARNEIRO, 2007).

A juventude rural se apresenta como grande responsável pela continuidade da tradição camponesa, e ao longo dos anos, alguns estudos foram realizados visando analisar a importância desta categoria social na sociedade rural. Dentre as temáticas abordadas nos estudos, sobre este grupo de aspecto transitório, se destacam: migração campo-cidade e sucessão rural (BRUMER, 2007; CARNEIRO, 2007); educação (BARASUOL, DOULA e BOESSIO, 2017).

O processo de migração pode acontecer quando os jovens se sentem atraídos pelo que as cidades possuem, como trabalho assalariado, modernização e outros. Porém, de acordo com Brumer (2007), os fatores de expulsão falam mais alto na migração, principalmente com o processo de capitalização do campo visando a racionalização da produção. Destaca também que em alguns jovens há uma rejeição ao modo de vida dos pais e são feitas comparações com relação ao estilo de vida urbano. Além disso, as comparações relacionadas ao trabalho são

constantes, pois no meio rural há uma contradição na autonomia da atividade agrícola, mesmo não sendo realizado sobre o domínio de um patrão, o jovem se sente refém de uma jornada exaustiva sem férias e lazer.

O rural sempre foi visto como o lugar do atraso, marcado por características naturais, em contraposição ao urbano que sempre foi o espaço da civilização, da modernidade e industrialização (CARNEIRO, 2007). Problematizando os jovens rurais e suas novas mentalidades, a antropóloga Maria José Carneiro (2007) em seu trabalho sobre os jovens rurais e suas novas mentalidades aponta para uma aproximação entre o campo e a cidade. Porém, destaca que é importante utilizar-se da perspectiva relacional, uma vez que uma cidade pequena será vista como rural por uma de médio porte e essa será vista como rural por uma metrópole.

Nos últimos anos houve uma intensa comunicação entre os dois espaços, ocorrendo mudanças nos anseios e nos valores dos rurais, sobretudo entre os jovens e seus projetos de vida (CARNEIRO, 2007). Da mesma forma, essa nova conjuntura pode proporcionar ao jovem uma revalorização do rural por inseri-los em um novo “cenário” no qual os atores sociais convivem com amenizada dualidade que outrora existia entre os espaços. Porém, é necessário, segundo a autora, ter cautela ao falar de homogeneização das culturas e também em pensar que os meios de comunicação colocam em xeque as especificidades do rural.

A respeito do diálogo entre a cidade e o campo, Paulo (2011, p.297) destaca que para os jovens rurais que vivem em trânsito pelos dois espaços, o urbano não é estranho nem desconhecido. A experiência com os jovens que diariamente saem da zona rural para estudar na cidade demonstra que há “sentimentos de adesão e recusa, de reconhecimento de qualidades positivas e negativas da vida nos dois espaços”. A cultura, o modo de vida e o trabalho são alguns dos elementos utilizados para a construção de suas identidades. Entretanto, quando eles se colocam diante dos urbanos, pode haver o constrangimento em assumir seus papéis, por se tratar de uma distinção construída historicamente que vê o rural como símbolo de rusticidade, atraso e pobreza.

A mídia, de uma forma geral, contribui para formação da percepção sobre si mesmo, o entorno e o mundo. Carneiro (2007) afirma que o fluxo excessivo de

informação na sociedade afeta o rural. Anteriormente, os rurais eram apenas vistos pelas pessoas “de fora”, mas agora eles têm a possibilidade de ter um olhar “para fora” e perceber como os acontecimentos globais lhes afetam ou não. Assim, estudar o acesso às TICs no meio rural nos ajuda a compreender de que forma os jovens rurais têm enxergado os acontecimentos ao seu redor e como estes têm sido afetados.

Nesse contexto de trocas constantes os jovens também sofrem influências do global, possibilitando a reconfiguração das atividades locais. No trabalho, por exemplo, o turismo rural proporciona a eles um modo de obter renda por meio do assalariamento, prática que não é unânime no rural (CARNEIRO, 2007). Apesar de haver formas de diversificar a renda, o fenômeno do êxodo rural continua a acontecer. As mulheres são as mais afetadas por não terem condições iguais aos homens, levando-as a ir para a cidade. Corre-se o risco de haver uma masculinização do campo, gerando uma crise na sucessão da unidade produtiva que causa efeitos nos valores da família.

A sucessão rural chama atenção nos estudos sobre os jovens rurais. De acordo com Brumer (2007), diz respeito à dificuldade que eles possuem para acessar à terra; outro problema refere-se à divisão da herança que não acontece de modo propício a mantê-los no campo, pois a tradição indica que o mais velho será o sucessor. Para as mulheres, essa dificuldade é ainda maior, pois elas, geralmente, realizam atividades ligadas à mãe, e os filhos homens aos pais, havendo assim uma divisão sexual do trabalho com atribuição de responsabilidades diferentes de acordo com o gênero. Além disso, a herança da terra e a sucessão familiar estão destinadas ao homem, cabendo à mulher se dedicar ao casamento, ao estudo ou outra forma de emprego.

A sucessão geracional é outro aspecto que aparece como limitação para a continuidade do jovem no campo. A terra é o local de produção e consumo, assim como o único bem herdado pelos filhos. Quando a partilha não ocorre de forma igualitária isso dificulta a permanência do jovem no campo, também se corre o risco quando se possui muitos filhos e pouca terra produtiva para se partilhar. Além disso, as mulheres muitas vezes não recebem sua parte na herança, porque o viés masculino no processo sucessório é muito intenso. Porém, ter um filho

disposto a dar continuidade à unidade produtiva não quer dizer que o processo ocorrerá com êxito (BRUMER, 2007).

As discussões sobre educação sempre tiveram expressividade no país, principalmente porque afeta diretamente o projeto de vida dos jovens. Barasuol, Doula e Boessio (2017) realizaram um estado da arte sobre as produções acadêmicas da pós-graduação no país entre 2010 e 2015. Contudo, os trabalhos com a temática “juventude rural” foram centralizados nos anos de 2011 e 2012⁹. A educação foi o tema mais discutido pelas pesquisas de mestrado e doutorado, essas refletiam sobre as práticas pedagógicas e educativas das escolas, levantando a importância da pedagogia da alternância na busca pela valorização do campo buscando compreender qual o sentido da escola para o jovem e o seu projeto de vida.

Os jovens rurais sempre foram abordados numa perspectiva de “invisibilidade”, aparecem de maneira tímida na literatura campesina. Contudo, a crescente produção acadêmica sobre eles demonstram a importância dessa categoria social (BARASUOL, DOULA e BOESSIO, 2017). As pesquisadoras perceberam também que a cultura é outro ponto que ganha destaque entre os trabalhos científicos, voltados ao modo de vida rural, à identidade e ao campesinato. Outro tema, importante e que corrobora com os trabalhos de Carneiro e Brumer (2007) se refere aos projetos e trajetórias de vida, ao trabalho e sucessão rural, abordagens que se colocam como dilemas na vida dos jovens rurais.

A respeito das TICs, Barasuol, Doula e Boessio (p.257, 2007), constataam apenas três trabalhos sobre a temática, contudo, elas destacam que “a inclusão digital é uma questão debatida em três dos estudos encontrados, porém cabe destacar que as principais reflexões estão relacionadas ao acesso a essas tecnologias tanto na escola quanto na vida individual”. Mediante a tal constatação e considerando o proposto por esta pesquisa foi realizado um levantamento

⁹ O trabalho das pesquisadoras rastreou as produções científicas defendidas entre os anos de 2010 e 2015. Após as filtragens, os registros ficaram concentrados nos anos de 2011 e 2012, sendo analisados 73 registros com o tema da juventude rural. Elas destacam que “embora não tenham sido visualizadas pesquisas nesses anos [2013 a 2015], isso não significa a ausência destas, pois há um déficit temporal em relação à atualização no banco de dados” (BARASUOL, DOULA e BOESSIO, p. 249 2007).

preliminar a respeito da relação dos jovens rurais com as TICs, especificamente com o telefone celular, na base de dados Oasis do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCTI). Foram selecionados trabalhos (artigos, dissertações e teses) entre 2012 a 2017, aparecendo mais de três mil resultados, selecionados pela temática formaram um grupo de 294 trabalhos, e após a seleção por título e resumo restaram apenas 99 trabalhos.

Ao longo dos anos os trabalhos que abordam as TICs como temática central foram poucos, sendo: 2012 (2 registros); 2013 (6 registros); 2014 (1 registro); 2015 (1 registro); 2016 (1 registro) e 2017 (1 registro). Como bem ponderam Barasuol, Doula e Boessio (2017) a ausência desses registros não quer dizer que a temática não tenha sido abordada, isso pode ser explicado pela demora na atualização dos bancos de dados. Além disso, convém destacar que as TICs aparecem de maneira tímida nos trabalhos que abordam educação ou mobilização social, como é o caso do trabalho de Cardoso (2015) sobre o Assentamento Silvio Rodrigues em Goiás.

As TICs, a partir de 2013, começam a ganhar um pequeno espaço entre as produções acadêmicas evidenciando sua importância no desenvolvimento local, como constatou Santana (2013) ao pesquisar um grupo de Informática, Comunicação e Ação Local (Giral) em Glória do Goitá, Pernambuco. Por meio da produção audiovisual do grupo, a pesquisadora constatou que os jovens rurais se tornam mais expressivos em contato com as TICs, seja na comunicação escrita ou falada, também se observou que a mobilização social aumentou.

Uma das principais mudanças que as novas tecnologias podem promover na vida dos jovens está, principalmente, na socialização por meio das redes sociais. Assim, ganham destaque os trabalhos de Lima (2014) que abordam a conversação dos jovens em idade escolar na rede social Facebook¹⁰, percebendo que as interações online proporcionam uma nova forma de socialização, principalmente para falar sobre eventos e festividades. Numa outra perspectiva, o trabalho desenvolvido por Lopes (2013) a respeito da inserção dos jovens rurais de Jeceaba, Minas Gerais, no mercado de trabalho, demonstra que em alguns

¹⁰ Rede social criada em 2004 com objetivo de criar comunidades virtuais. Fonte: <https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/> Acesso: ago. 2018.

casos há uma dificuldade em utilizar as novas tecnologias de comunicação, o que pode gerar algum problema na sua capacitação profissional.

Não foram observados, no material coletado, trabalhos específicos que abordem a relação dos jovens rurais com o telefone celular. A utilização do aparelho aparece como uma alternativa aos que não possuem condição de comprar um computador. Dessa forma, este trabalho adquire uma característica explicativa, buscando compreender um processo em curso na vida dos jovens rurais.

1.4 A educação como instrumento de valorização do campo

Esta pesquisa de mestrado foi realizada com jovens que vivenciam um sistema educacional voltado para a valorização do rural, assim, torna-se importante discutir sobre o ensino, principalmente sobre a Educação do Campo. Como mencionado no tópico 1.3, o desenvolvimento educacional no Brasil nem sempre foi uma prioridade, segundo Breitenbach (2011), isso acontece porque desde a colônia para trabalhar com a terra não era importante saber ler ou escrever. Posteriormente, com o processo de urbanização e industrialização do país percebeu-se a necessidade de se investir em educação, levando muitas pessoas rurais a sonharem com o filho fora da zona rural para escapar dos serviços braçais aos quais estavam condicionados. Consequentemente, a migração para as áreas urbanas ocasionou o aumento do êxodo rural.

Nos anos de 1930, houve um aumento do número de escolas nas áreas rurais, porém, os moldes verticalizados não atendiam as especificidades dos rurais. Os anos seguintes não foram diferentes, sendo marcados por um discurso que indicava a necessária fusão com a cidade para promover o desenvolvimento industrial do país, levando o rural a desaparecer. Depois de passar pela Ditadura Militar (1964-1985), a elaboração da Constituição Federal de 1988 buscou assegurar o exercício democrático. Nesta mesma época na Câmara dos Deputados foi barrado o projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)¹¹; quando aprovado em 1996, passou a assegurar a importância de haver uma educação que não se limite apenas ao ambiente escolar, perpassando

¹¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L9394.htm Acesso em 22 de agosto de 2018.

pela vida familiar, convivência humana, organizações da sociedade civil, manifestações culturais e outras (BREITENBACH, 2011).

A Educação do Campo não é abordada nesta lei, porém, ela passa a ganhar mais força nas sociedades rurais, considerando a importância de não se ter escolas no e para o campo, mas sim, uma educação do campo, feita por pessoas que vivenciam e compreendam a importância da educação para esse segmento da sociedade (BREITENBACH, 2011). Destaca-se neste modelo educacional a Pedagogia da Autonomia¹², conceito cunhado por Paulo Freire, que compreende o ensino e aprendizado baseados no respeito ao educando e seu repertório de mundo (PRADO, 2015). Dessa forma, o novo conteúdo que o educando vai aprender deve ser atrelado ao seu repertório de vida levando em conta seus anseios e proporcionando uma visão crítica da sociedade.

No Brasil, antes da LDBEN 1996 ser aprovada, algumas regiões se mobilizaram com o intuito de promover um novo modelo educacional para os jovens rurais. As Escolas Famílias Agrícolas surgiram baseadas no modelo europeu que se utilizam da Pedagogia da Alternância, no qual os estudantes passam um período na escola aprendendo o conteúdo de maneira crítica, e noutro período está na propriedade rural aplicando o que foi aprendido, levando em conta seu repertório de vida. É importante salientar que o movimento da Educação do Campo no país ganha forças por meio das ações do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), que mais do que pensar práticas pedagógicas a serem desenvolvidas no campo, busca dar visibilidade política às demandas por educação da população rural, o que influencia tanto à criação das EFAs quanto os cursos de Licenciatura em Educação do Campo (SANTOS, 2014).

Em Araponga, município da Zona da Mata Mineira com pouco mais de oito mil habitantes, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existe a EFA Puris, lócus da nossa pesquisa, que teve suas atividades iniciadas em 2008 embaixo de um pé de manga, com dificuldades, mas com motivação suficiente para que os filhos dos agricultores tivessem uma

¹² Disponível em: FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

educação que de fato os preparassem para atuar no campo. De acordo com Maria Rosânia Lopes Duarte¹³, coordenadora da instituição, foi necessária muita luta para chegar à infraestrutura que a escola possui hoje, tendo 10 anos de funcionamento. A escola atendia 67 alunos (2018) e se dedica exclusivamente ao ensino médio; além disso, o recurso que mantém a instituição tem origem principalmente da contribuição que as famílias dão de forma colaborativa.

Ao estudar os projetos de vida e a participação dos jovens rurais em Araponga, Miranda (2014) verificou que a EFA e seu projeto educacional junto aos movimentos agroecológicos na região têm sido fundamentais para que os jovens possam valorizar e permanecer na agricultura. Aliás, a criação da escola está diretamente ligada aos movimentos sociais presentes na região. A partir do momento que os jovens têm se debruçado sobre sua realidade, acabam encontrando mais interesse em se formar tecnicamente para atuar na área. Além disso, a EFA tem contribuído para direcionar as escolhas dos jovens com base em suas experiências de vida, destaca a pesquisadora.

Os jovens enfrentam muitos desafios, dentre eles a coordenadora aponta que o acesso a terra é o principal, porque geralmente os pais são donos da propriedade, com isso é necessário que para a permanência da juventude no campo se consiga ter onde se estabelecer. No cotidiano da instituição, os jovens precisam aprender a conviver em grupo, trabalhando por um mesmo objetivo. Além disso, a escola também apresenta dificuldades para manter a equipe de monitores que vai além de dar aulas, é também acompanhar a vida do aluno.

Um das características que chama atenção na EFA Puris é o espírito colaborativo que existe entre alunos, monitores e natureza. Durante uma visita realizada no dia 15 de maio de 2018 na companhia da pesquisadora Margriet Betsie Goris e Amália Hammarlund, foi possível observar o modo de organização da instituição. Os alunos permanecem no local durante 15 dias e todos participam da limpeza do local, realizam as atividades dentro dos horários previstos possibilitando o bom funcionamento (figura 1). O café da manhã começa com uma oração, na qual são feitos agradecimentos a Deus e natureza pelos alimentos,

¹³ Entrevista cedida à doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Margriet Betsie Goris, em setembro de 2017.

pela terra e também é feito um pedido por aqueles que não têm o que comer. Em seguida, são realizadas as tarefas de limpeza do refeitório, sendo duas alunas responsáveis por verificar o cumprimento das tarefas. O mesmo procedimento acontece com as seguintes refeições (lanche da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar). Segundo a coordenadora Maria Rosânia Lopes Duarte, os alunos são convidados a ter o cuidado com a instituição quando iniciam os estudos na escola, geralmente, quem não se adapta, acaba deixando a instituição nas primeiras semanas.



Figura 1: Alunos realizam a limpeza da área externa da Escola Família Agrícola Puris, em Araponga/MG. Registro: Jonathan Fagundes, 2018.

Além das aulas ministradas por algum monitor, os estudantes também têm a oportunidade de participar no período da noite de um espaço chamado “Cerão”, no qual são compartilhadas experiências sobre diversos assuntos organizados pelos monitores, algum convidado e pelos próprios alunos. Na primeira visita, realizada em 15 de maio, tivemos a oportunidade de realizar a oficina “Filmar/fotografar a biodiversidade funcional” na qual foi apresentada aos alunos a oportunidade de utilizar o telefone celular como uma ferramenta de trocas de saberes. Um grupo na rede social Whatsapp¹⁴ foi criado para que eles pudessem dialogar sobre os registros feitos sobre a biodiversidade funcional em seus sítios,

¹⁴ Rede social lançada em 2009 para emissão de mensagens instantâneas. Fonte: <https://www.whatsapp.com/about/> Acesso em: ago. 2018.

ajudando a tirar dúvidas e sanar questionamentos dos amigos a respeito dos elementos da natureza que muitas vezes passam despercebidos em seus cotidianos. Foi uma experiência boa no primeiro mês porque o envolvimento dos alunos estava relacionado à pontuação escolar que eles receberiam. Passado esse engajamento, o grupo caiu no desuso com o tempo. Em outra oportunidade, pudemos observar a realização de uma gincana promovida pelos alunos do terceiro ano com o intuito de integrar, mas também, de informar sobre os aspectos ligados à educação e valorização do campo, a preservação da terra e aos saberes populares.

Entre os 10 alunos entrevistados nessa primeira visita, todos relatam que tiveram informações sobre a EFA e desse modelo de ensino por meio de algum conhecido ou parente que teve algum contato com a instituição. Alguns já mantiveram contato com a pedagogia da alternância no ensino fundamental, em outras EFAs que oferecem a modalidade de ensino. Segundo o entrevistado Emanuel¹⁵, 19 anos, pardo, o sistema de ensino convencional nunca o satisfaz a ponto de ele não conseguir permanecer dentro de uma sala de aula por muito tempo quando estudava nas escolas da rede estadual de ensino em Araponga. Por meio de um amigo, seu pai soube da existência da EFA e ele relutou um pouco, mas acabou aceitando o convite.

Eu tinha acabado de mudar para a cidade, não ia voltar para a roça. Mas, resolvi experimentar, lá na EFA em Jequeri [Minas Gerais]. Fiquei uma semana, comecei a achar ruim e minha mãe teve que me buscar. Depois disso, passou um tempo e voltei para lá, terminei o fundamental e vim para a Puris. Eu 'tô tendo um aprendizado muito melhor, aprendo a cada dia a com lidar com a vida, a querer um mundo melhor, uma vida melhor, querer o bem para todos, a conviver melhor com as pessoas. EFA para mim é vida! Não largaria essa escola, eu já larguei, mas quis voltar. EFA é tudo! Isso aqui é uma família dentro de uma escola e com isso você tem uma qualidade de vida melhor.

O contato do irmão mais velho com a EFA levou Joaquim, 20 anos, pardo, a querer estudar na instituição desde o ensino fundamental. Segundo ele, a EFA proporciona momentos de lazer, como jogar bola, jogar truco nos intervalos

¹⁵ Buscando preservar a identidade dos entrevistados serão adotados nomes fictícios, sendo descritas apenas as informações referentes às suas características.

e o telefone celular também pode ser uma opção de lazer nos momentos livres. Cursando o 3º ano do Ensino Médio, ele se prepara para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e afirma que após concluir os estudos na Puris vai continuar se dedicando à Educação do Campo e pretende ingressar no curso de Licenciatura em Educação do Campo (Licena) na Universidade Federal de Viçosa.

Meu irmão participava de EFA, aí eu vi e também quis participar, hoje eu tenho o sonho de fazer o Licena, continuar em Araponga, porque eu gosto daqui, das amizades, da família. Tenho medo de ir para cidade e estranhar. Na cidade você fica preso, o lugar se é perigoso não tem como sair. Se tivesse acesso à internet na zona rural ajudaria bastante.

O curso oferecido pela instituição surge como uma opção para o jovem não só pela identificação do aluno com o modelo de ensino, mas também, por conta da curta distância entre Araponga e a sede da universidade. O município de Viçosa, na Zona da Mata de Minas Gerais, tem população estimada em mais de 78 mil habitantes, segundo o IBGE, e é a sede da Universidade Federal de Viçosa, conhecida internacionalmente por suas atividades voltadas para a área de Ciências Agrárias. A instituição marcada por estudos voltados para agricultura de grande porte e ao agronegócio, por meio de projetos e programas ligados à agroecologia fez emergir o curso de Licenciatura em Educação do Campo (Licena), com um projeto pedagógico voltado para “uma formação que, orientada por uma abordagem multidisciplinar, articule as práticas sociais escolares e não escolares e os saberes da experiência dos diferentes sujeitos e movimentos do campo aos saberes produzidos nas diferentes áreas do conhecimento acadêmico” (PROJETO PEDAGÓGICO, 2014, p.11).

Seguindo o modelo da Pedagogia da Alternância e guiados pela transdisciplinaridade e integração das experiências populares, o curso tem como público-alvo filhos de trabalhadores do campo, educadores populares, professores que já atuam em escolas do campo, quilombolas e outros. Dessa forma, surgirão novos educadores com oportunidade de atuar nas escolas do campo promovendo uma valorização dos modos de vida rural, respeitando o processo de

aprendizagem dessa população. O curso contava com 283 alunos (2018), sendo disponibilizadas anualmente 60 vagas a serem preenchidas por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e durante a graduação os estudantes têm em sua grade curricular temas (político, social, educacional, mercadológico) que auxiliam na sua formação profissional voltada para o campo (idem).

O Licena também recebia o apoio do Programa e Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo), que, de acordo com o Ministério da Educação (2009), fomenta os projetos de cursos de licenciatura que considerem a organização escolar e pedagógica específica para as comunidades rurais e a superação das desvantagens educacionais sofridas historicamente no campo. O valor destinado a cada aluno é administrado pelas instituições de ensino federais subsidiária as necessidades do curso como: hospedagem dos alunos, deslocamento das comunidades até a instituição e outros. Entretanto, desde 2017 os cursos em todo o país têm enfrentado dificuldades para manter seu funcionamento conforme noticiado em alguns sites¹⁶ e na UFV também ocorre este problema, originário do governo de Michel Temer (2016-2018).

Como forma de mobilização, os alunos do Licena se organizam em um espaço chamado “Conselhão” no qual são discutidas diversas pautas. Eles são convidados a participarem de uma reunião e todos têm o direito de se expressarem e expor suas opiniões sobre os temas. No dia 07 de julho, quando estive presente no encontro, as discussões centraram-se nas dificuldades enfrentadas durante o tempo escola, pois os alunos precisam de um local para a estadia, do auxílio alimentação, entre outras coisas, que até então eram garantidos pela verba do Procampo.

Atualmente, depois de manifestações e mobilização dos estudantes, a universidade se comprometeu com a hospedagem e alimentação dos alunos, porém, não se sabe ao certo até quando eles terão esses direitos assegurados. Para acessar os benefícios os estudantes precisam de alguns documentos, como a

¹⁶ Maiores informações: 1) <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/05/corte-de-verbas-do-procampo-preocupa-estudantes-e-professores/> Acesso em 22 de agosto de 2018. 2) <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2017/07/fim-de-politicas-no-governo-temer-ameaca-formacao-de-professores> Acesso em 22 de agosto de 2018.

certidão negativa de imóvel, comprovante de renda e outros, que são retirados nas áreas urbanas e nem sempre eles têm condição de fazê-lo. A estudante Elizabeth, 20, indígena, umas das responsáveis pelo “Conselhão” considera que o ideal seria o Licena ter um espaço de ensino-aprendizado, onde os alunos tenham aula, possam dormir e fazer suas atividades. Ela ainda destaca que o ideal é que não haja insegurança quanto ao local em que os alunos irão ficar, porque essa é a preocupação de todos a cada tempo escola que vai se iniciar.

Em meio às adversidades que os alunos enfrentam, resiste o anseio por uma educação que de fato os contemplem e que possa chegar aos outros de sua comunidade de origem. A estudante Michelle, 19 anos, negra, com emoção explica o significado de estar numa universidade:

Eu nunca gostei de estudar na cidade, quando deu o ensino médio abriu uma escola agrícola a 3 km da minha casa, pertinho, e eu fui para lá e vi que era aquilo que eu queria. Educar as pessoas de acordo com a realidade delas, com o que está lá. Eu vinha do campo, então, eu ia falar de uma coisa que eu vivi. Eu sou a primeira neta a entrar [numa universidade] e a estudar. É um significado muito grande eu estar aqui e depois voltar para lá e levar tudo que eu aprendi. Eu tenho vontade de fazer um mestrado, de trabalhar com Educação, em escolas de assentamentos ou numa EFA que pega essa realidade que eu vivi. Eu quero ser educadora popular!

Diretamente relacionado ao desejo de mudança da realidade está a importância do acesso à educação, à informação e às políticas públicas que afetam os jovens de forma geral. Entretanto, é preciso colocar em questão as ineficiências dos serviços e as estratégias criadas pelos jovens rurais para conseguir acessar seus direitos, sobretudo, diante de cenários políticos que reduzem ou acabam com os que já foram conquistados, como ocorreu com os alunos do Licena que agora encontram dificuldades para permanecer na universidade durante o tempo escola de maneira plena, sem inseguranças.

1.5 O acesso à comunicação no meio rural

Na sociedade contemporânea a juventude é vista como símbolo do estilo moderno, antenado e conectado (ENNE, 2009). Contudo, é importante salientar

que essa perspectiva moderna não é limitada apenas ao espaço urbano, porque os jovens das áreas rurais também são afetados pelas transformações tecnológicas que acontecem atualmente. Rompe-se, neste trabalho, com a ideia de isolamento das sociedades rurais (PAULO, 2011). Percebe-se a juventude rural não apenas sob a ótica das diferenças, mas também, das semelhanças entre urbanos e rurais ao utilizar o telefone celular, entendendo desde já que o acesso se dá de forma desigual.

Os meios de comunicação presentes no meio rural, conforme Carneiro (2007), têm possibilitado aos moradores ter um olhar sobre os que estão de fora, a observarem o que acontece não só no local, mas também no global. Na perspectiva do consumo midiático Fraga, Fiúza, Silva e Motta (2015) realizaram uma pesquisa com os moradores da Zona da Mata de Minas Gerais e constatou-se que a televisão aparece como o veículo mais usado pelos rurais, seguido do rádio e a internet. Neste estudo, o telefone celular já ganha destaque como o suporte midiático mais utilizado para acessar a internet, sendo que o computador aparece como segunda opção no estudo realizado.

A TIC Domicílios (2017), realizada pelo Comitê Gestor da Internet (CGI) aponta também para uma utilização maior do telefone celular (90%) em detrimento do computador (37,2%) e do notebook (38,1%), principalmente para acessar a internet, sendo uma das razões a falta de cabeamento em fibra ótica que leva o sinal para muitas cidades ou devido ao custo financeiro do computador em relação ao telefone celular. Na área rural 72% dos usuários preferem utilizar o celular para acessar a internet, enquanto 24% utilizam o computador e 4% preferem utilizar os dois aparelhos. Em contrapartida, na área urbana 46% utilizam o celular, 49% o computador e 4% ambos os dispositivos.

A pesquisa relata também que quase 157 milhões de brasileiros possuem ao menos um aparelho celular. A pesquisa indica que, dentre as atividades realizadas pelos entrevistados, efetuar ligações ainda é uma atividade recorrente, porém o estudo não especifica se são realizadas de modo convencional ou com o auxílio da internet. Além disso, a pesquisa mostra também que entre os jovens os principais usos do celular são em virtude das funções: tirar fotos; ouvir músicas;

ver vídeos, mandar mensagens. O acesso às redes sociais tem crescido entre esse público, no entanto a pesquisa revela que esta ainda não é uma função prioritária.

O recente trabalho de Fraga (2018) sobre a presença no rádio no cotidiano dos rurais e a dieta de mídia dos mesmos relata que 90,5% dos entrevistados da Zona da Mata Mineira utilizam o telefone celular, ficando atrás somente da televisão. O aparelho surge não apenas como uma ferramenta de comunicação, mas também de entretenimento e interação, sobretudo para os jovens rurais. Contudo, o estudo realizado na zona rural de Juiz de Fora, considerada a cidade mais urbana da região, e Pedra Bonita, considerada a mais rural, segundo o índice¹⁷ utilizado pelo pesquisador (BRAGA, 2015) revela que a forma de acesso a esta tecnologia e aos demais meios de comunicação se alteram de uma localidade para outra devido ao sinal das prestadoras dos serviços telefônico e de internet.

De acordo com a Lei Geral das Telecomunicações¹⁸, nº9. 472/1997, toda população tem direito ao acesso às telecomunicações, com tarifas, preços, condições e qualidades adequadas para serem acessadas em qualquer ponto do território nacional (BRASIL, 1997). Contudo, é preciso problematizar esse acesso quando nos referimos à telefonia móvel em áreas rurais. A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)¹⁹ afirma que a oferta do serviço depende do interesse comercial das prestadoras; apesar dessa natureza privada, em seus editais a agência tem estabelecidas obrigações de cobertura, como: os municípios com população entre 30 a 100 mil habitantes ter pelo menos três prestadoras de serviço com tecnologia 3G (proposta dada como cumprida em 2017); ter pelo menos uma prestadora de serviço com as mesmas características supracitadas ofertando a tecnologia 4G. Convém destacar que até dezembro de 2019 é preciso cumprir o compromisso de que ao menos uma prestadora de serviço atenda os municípios com população abaixo de 30mil habitantes com a tecnologia 3G.

¹⁷ Disponível em: BRAGA, Gustavo Bastos. Por uma caracterização do território através do modo de vida rural e/ou urbano. Viçosa, MG, 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.

¹⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9472.htm>. Acesso em: 24 ago. 2018.

¹⁹ Disponível em: < <http://www.anatel.gov.br/setorregulado/component/content/article/115-universalizacao-e-ampliacao-do-acesso/telefonia-movel/425-telefonia-movel-compromissos-de-abrangencia>>. Acesso em: 25 ago. 2018

A respeito dos municípios com áreas rurais atendidas²⁰, a Anatel informa que as cidades dos participantes entrevistados nesta pesquisa têm as áreas rurais atendidas pela prestadora de serviços Vivo. Entretanto, o relato dos entrevistados a respeito dessa utilização denuncia a ineficiência do serviço levando-os a criar estratégias para acessar todas as funções do telefone celular, conforme relata a estudante.

Não tinha sinal, então a gente pegava o sinal do município vizinho. A gente subia no morro, no alto do pasto, aí lá a gente conseguia fazer ligação. Aí quando surgiu a febre do WhatsApp, a gente subia lá para cima para conectar também (Elizabeth, 20 anos, indígena).

"Eu não tenho sinal de telefone nem internet na minha casa. Para eu subir no pasto com o notebook fica difícil, o celular é mais prático é menor, é a melhor forma de conseguir acessar informação!"

O acesso à internet e ao telefone móvel na EFA Puris também acontece de modo precário. Para minimizar os problemas, os alunos desenvolveram algumas estratégias. Eles localizaram os pontos aonde chega o sinal da operadora Vivo que são: a janela da sala de aula (figura 2); a garagem embaixo do dormitório masculino e um ponto na área de socialização onde são feitas algumas refeições.



Figura 2: Aparelho celular fica exposto na janela da sala de aula do 2º ano na EFA Puris para conectar a internet. Registro: Jonathan Fagundes, 2018.

²⁰ Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/setorregulado/telefoniamovel>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

Nos dias de visita à instituição foi possível perceber que as utilizações dessas estratégias eram constantes, inclusive havia uma rede de dados móveis no modo visível. Miguel, 18 anos, aponta que entre alguns alunos existe um sistema de compartilhamento de internet para acessar as redes sociais e conversar com a família.

Meu amigo tem 3G e roteia o sinal para gente que não tem crédito, aí todo mundo que é próximo, chegando mesmo, ele passa a senha aí a gente usa. Às vezes, eu preciso falar lá em casa aí ele deixa eu usar também (Miguel, 18 anos, pardo).

Aqui é muito ruim de sinal, então você tem que ficar procurando sinal na janela, e eu fico tão desinquieta porque isso mexe comigo. Quando eu quero um sinal e eu tô sem internet, porque eu não paguei a conta, eu fico procurando, catando o sinal aqui na escola. O melhor lugar de sinal é na garagem, sempre vai ter um grupinho parado lá pegando sinal (Sara, 26 anos, parda).

A forma como os jovens lidam com o acesso ao sinal telefônico, especialmente para acessar a internet, demonstra não só a capacidade que eles têm de lidar com as intempéries, mas também, nos evidencia o descaso com um direito que é assegurado pela Lei Geral das Telecomunicações. Além disso, fica evidente que as prestadoras de serviços não atendem plenamente as comunidades rurais.

A incursão feita na EFA Puris me permitiu observar como há cooperação entre os alunos, não só para o acesso às redes sociais, mas para a resolução de assuntos mais burocráticos. Durante a aula de química o monitor chegou e lembrou os estudantes que o prazo para o ENEM, sistema que gerencia a entrada no ensino superior, se encerrava em poucos dias. O uso do telefone celular até então não era permitido na sua aula, porém, enquanto estava escrevendo na lousa o conteúdo da disciplina, uma aluna foi autorizada a utilizar o telefone celular conectada aos dados móveis para realizar a inscrição de um colega que não tinha acesso à internet e não sabia como se inscrever.

Eu acho mais difícil pro pessoal da zona rural acessar a internet, porque tem muita gente que não tem moto, não tem carro para sair e acessar. Não tem a liberdade de ir na cidade acessar a internet e não mexe na internet diariamente, tem que esperar uma oportunidade para mexer (Joaquim, 20 anos, pardo).

Dificuldade no acesso à telefonia móvel não é um problema atual, é algo com que os jovens convivem há um longo tempo. O estudo de Silva e Lopes (2018) sobre a sociabilidade dos jovens rurais inseridos em um ambiente universitário demonstra que muitos ao adquirirem o primeiro aparelho eram questionados sobre a utilização dele no meio rural, porque não havia sinal algum, sendo necessário recorrer ao telefone fixo rural para fazer ligações.

Assim como Cardoso (2015) constatou em sua pesquisa sobre o Assentamento Silvio Rodrigues, em Goiás, a importância de ter acesso às telecomunicações para que os jovens tenham mais opções tanto de estudo, quanto de lazer e etc, as entrevistas feitas para este trabalho, tanto com os jovens da EFA quanto do Licena, apontam para a emergência destes serviços serem oferecidos com qualidade nas áreas rurais.

Seria bacana se a mesma possibilidade de acesso que tem na cidade a gente tivesse aqui na zona rural, com isso *o jovem não sairia da zona rural e a zona rural seria mais valorizada*. A maioria dos jovens sai porque quer arrumar um emprego, por exemplo, em advocacia, ele precisa estar ligado em tudo e se você for da zona rural você não vai estar ligado. Vai precisar sair da zona rural para a zona urbana por causa desse objetivo, por causa do acesso. Por isso, que eu acho que precisa de ter qualidade de sinal, eu acho que essas operadoras não deveriam colocar uma torre em cada cidade, se fosse via satélite seria bem mais fácil para pegar na zona rural (Emanuel, 19 anos, pardo-grifo do autor).

A fala do entrevistado coloca evidência que a permanência do jovem no meio rural pode estar relacionada ao acesso às TICs , contudo, é preciso ter cautela ao considerar o acesso como um fator determinante e exclusivo que leva as pessoas a tomarem essa decisão. Assim, considero importante o seu relato para demonstrar que a qualidade dos serviços prestados interfere no cotidiano dos jovens e pode afetar suas escolhas profissionais, de lazer. É relevante destacar que a permanência ou saída do campo deve ser uma opção dos moradores, não algo compulsório pela falta de renda, ausência de políticas públicas como aquelas voltadas ao acesso às novas tecnologias da comunicação.

CAPÍTULO 2: “EU NÃO GOSTO DE SER IGUAL A NINGUÉM”: O VALOR DE USO E SIMBÓLICO DO TELEFONE CELULAR

O presente capítulo se propõe a discutir o consumo na sociedade contemporânea por meio de um levantamento histórico a respeito dessa prática capilarizada ao longo do tempo que nos permite falar em uma cultura. À vista disso são apresentadas as três fases deste fenômeno que é fruto do capitalismo. Nota-se, principalmente, que o estímulo para consumir é uma prática antiga, exacerbada depois da 2ª Guerra Mundial. E que com o passar dos anos tem refletido tanto no âmbito coletivo quanto no individual.

Discutir o tema consumo no tempo corrente leva a observação que um bem material possui uma dimensão tanto mercadológica quanto simbólica. Muitas vezes o estímulo ao consumo não se origina da necessidade material de um produto, mas de seu valor simbólico. Os signos comunicam status e poder. A sensação de ser poderoso por meio dos objetos que possuem podem levar as pessoas a consumirem mais. Além disso, percebe-se que o consumo é permeado pela contradição entre se assemelhar e se diferenciar das demais pessoas ou grupos, gerando gastos para os indivíduos e lucros para as empresas. É nesse jogo contraditório que se completa o ciclo da produção e reprodução social. Em que o capital simbólico adquirido pelo sujeito tem mais valor por servir de matéria de distinção entre ele e os demais indivíduos (BOURDIEU, 2008).

Há também um esforço para entender como o consumo pode afetar a configuração da identidade, não sendo tomado como um fator determinante, mas como um elemento que exerce grande influência sobre as pessoas. Dessa forma, é observado como o telefone celular, tema central nesta pesquisa, é visto pelos jovens rurais, levando em consideração suas motivações para adquirir um aparelho, mesmo diante da dificuldade de conexão na área rural. Observa-se que a compra pode ser motivada pela qualidade do produto e seus atributos, ou pela capacidade que o aparelho possui de marcar diferenças e ser um elemento de ostentação perante a sociedade.

Discute-se ainda não apenas a influência sobre os jovens rurais para consumirem o telefone celular, mas também, o modo como ele é apropriado.

Observa-se o modo como o aparelho está presente em tarefas cotidianas e como pode auxiliar no ambiente escolar na hora de executar alguma atividade seja acadêmica ou não. Por fim, a tecnologia é analisada como um instrumento capaz de promover mudanças sociais, colocando em questão a maneira como os jovens consomem informação e como o local e o global se relacionam neste contexto de interação constante.

2.1 A cultura de consumo na sociedade contemporânea

O atual contexto social é marcado pelo consumo, não se trata apenas da posse ou aquisição de determinado bem material, pois a partir do momento que nos relacionamos com certo produto temos uma gama de significados entrando em interação neste ciclo. Porém, constantemente ele sofre mudanças que nos permite vê-lo como um processo cultural, carregado de significados e mobilizações sociais, portanto, podemos falar em cultura de consumo.

Esta cultura, segundo Slater (1997, p.17) é um processo desenvolvido no ocidente marcado por práticas individuais, sendo definido como “um sistema em que o consumo é dominado pelo consumo de mercadorias, e onde a reprodução cultural é geralmente compreendida como algo a ser realizado por meio do exercício do livre-arbítrio pessoal na esfera privada da vida cotidiana”. Não se trata de uma única forma de consumir, porém é a mais predominante. O consumo pode aumentar devido à alta produção de mercadorias e a baixa durabilidade dos produtos. Gera um ciclo em que as pessoas sentem-se obrigadas a comprar porque o seu produto apresenta algum problema ou está defasado. Entretanto, pensar em exercício do livre-arbítrio requer cuidado, pois muitas necessidades e desejos são criados pela cultura, pelo mercado e pela mídia.

A necessidade de “educar” a população para consumir por meio das propagandas e dar a ela a possibilidade de acessar os bens materiais ganhou ainda mais força após a segunda Revolução Industrial, período marcado como a primeira fase do consumo na era capitalista. Consumir mercadorias era mais acessível aos burgueses porque eram eles quem detinham recurso financeiro, e a tentativa de democratizar o consumo fortalecia as mercadorias, dando a elas uma confiança que antes era vinculada a imagem do vendedor (LIPOVETSKY, 2006).

Além disso, Slater (1997) acrescenta que essa “educação” na forma de consumir afetou também o controle da vida das minorias, tendo seu tempo de trabalho e lazer controlado pela burguesia.

As ações das propagandas poderiam estimular e sensibilizar as pessoas para consumir, porém muitas delas não tinham condições financeiras como os burgueses possuíam. Somente em 1950, quando tem início a segunda fase, o consumo de mercadorias se torna acessível a uma grande parcela população, pois devido à superprodução os preços dos produtos caíram, entretanto, as pessoas não tinham condições igualitárias para consumir, como acontece ainda hoje. Lipovetsky (2006) acrescenta que é nessa nova etapa que as camadas sociais mais baixas passam a se sentir existentes para poder comprar, porque antes era um benefício restrito às elites. É nessa fase, realmente, que a sociedade começa a ser bombardeada por informações e técnicas sedutoras que as levam a consumir.

A segunda fase também marca uma alteração na forma de consumir, antes era baseada na demanda coletiva, por exemplo, naquilo que a família tinha como necessidade. Agora, geralmente, é baseada nas escolhas individuais, sem considerar praticamente o grupo. A família, por exemplo, que antes possuía uma televisão e se reunia na sala para assistir um programa coletivamente, passou a ter duas ou mais em diferentes cômodos para atender a necessidade específica de um dos cônjuges ou de um dos filhos. Posteriormente, na terceira fase, com início no final da década de 1970, os avanços tecnológicos e o domínio do homem sobre o tempo promoveu a ruptura com a ideia de coletividade e a liberdade individual ganha mais força (LIPOVETSKY, 2006).

O mercado passou a promover uma liberdade individual relacionada à noção de livre-arbítrio para consumir o tempo todo, e para garantir que as pessoas consigam exercê-lo são criados mecanismos de venda de produtos a qualquer momento, 24h por dia (LIPOVETSKY, 2006). Essa prática, segundo Slater (1997) tem início a partir da década de 1980 quando o consumidor deixa de ser visto como aquele que apenas detém o poder aquisitivo, mas também, como aquele capaz de impulsionar o crescimento econômico.

Desse modo, podemos perceber que a cultura de consumo passa a alterar a maneira como a sociedade utiliza seu tempo, mais que vender um produto é

necessário criar estratégias para melhorar a forma como as pessoas vão aproveitar os momentos em que não estão trabalhando (LIPOVETSKY, 2006). Nesse contexto, Slater (1997) afirma que se reforça a lógica do trabalhador que não consome o que produz e com seu salário se vê obrigado a adquirir lazer, tempo e bens materiais, sob a égide do “jogo de signos”²¹ desta cultura que promove o distanciamento dos indivíduos por meio da diferenciação. Além disso, é necessário frisar que a liberdade individual que alguns conquistam, principalmente os que detêm mais poder aquisitivo, é adquirida por meio da privação de tempo dos menos favorecidos que precisam se submeter às condições de trabalho exaustivas.

Assim, a liberdade individual que se estabelece na cultura de consumo não é para todos. Contudo, ela se exacerba na terceira fase de consumo. Os sujeitos, em teoria, não são mais obrigados a se moldar num estilo de vida. Para Featherstone (1995) na sociedade contemporânea não há grupos com *status* fixos, pois a individualidade ganha mais força com a profusão de informações e imagens que chegam até o indivíduo, reforçando a ideia de diferenciação por meio dos bens materiais.

A principal marca da sociedade atual é a mercadoria, que consegue romper com os valores anteriormente fixados, portanto é importante observar os produtos através de duas dimensões: 1) simbólica: observando a capacidade de comunicar do objeto; e 2) mercadológica: que se refere à capacidade de troca e consumo da mercadoria possui. O produto, como o telefone celular, não pode ser visto apenas por sua finalidade de troca e consumo, é necessário, seguindo o pensamento do autor, levar em consideração a sua dimensão comunicadora. Dessa forma, cada mercadoria pode ser vista como um signo, sendo que a sua posse pode dizer muito sobre o indivíduo e o seu grupo social (FEATHERSTONE, 1995).

A respeito do valor que o signo possui, Jean Baudrillard (1976) discorre que ele é uma construção baseada na combinação do significante, o código; e o significado, sua função. Portanto, não pode ser visto como algo natural na sociedade, pois, é a articulação entre esses dois elementos que gera o signo.

²¹ O “jogo de signos” mencionado pelo autor diz respeito à disputa simbólica promovida pelo consumo de mercadorias que distingue um sujeito do outro, seja por meio do valor, marca, aparência etc.

Assim, este possui duas faces, uma que se refere a seu conceito e outra a sua imagem. Dessa forma, devemos observar o consumo baseado na função do objeto somado à emoção que o indivíduo lhe dá, com base no seu valor de signo e simbólico (FEATHERSTONE, 1995).

Por mais que se fale em uma sociedade marcada pela individualidade, é necessário considerar que o valor simbólico de um objeto e a pertença em algum grupo social afeta as escolhas de cada ser. Se tomarmos os jovens rurais e a sua relação com o telefone celular, por exemplo, notamos que há diversas razões que os levam a possuir o objeto, seja a relação com o urbano, ver um amigo com o aparelho, propagandas. Enfim, o contato com o outro afeta e provoca diferentes reações em todos nós. A motivação para consumir pode ser pela imitação ou diferenciação. Existe uma contradição entre elas, assim, desejar ou ter determinado telefone pode aproximar o jovem do seu grupo ou mesmo diferenciá-lo, pois, existe a necessidade de se distinguir das demais pessoas (FEATHERSTONE, 1995). Nessa perspectiva, Canclini (2009) acrescenta que o consumo é o cenário para pensar disputas, pois ele possui essa capacidade de demarcar diferenças e desigualdades por meio dos gostos individuais ou coletivos.

Diferenciar-se dos demais indivíduos é o principal desejo das pessoas, e, já em 1952, Lévi-Strauss falava sobre essa diversidade da cultura humana que não é estática e que se difere entre si do mesmo modo, pois na sociedade há forças que atuam para manter ou acentuar o particularismo ou para convergir sentido. Estamos em constante necessidade de reforçar nossa individualidade. Corrobora Campbell (2006) ao acrescentar que o estado emocional do ser humano e o seu anseio por possuir algo pode atuar nas relações de mercado, sendo capaz de sustentar uma economia. O ato de consumir então parte do desejo individual de ser semelhante ou diferente, considerando sua vivência nos grupos sociais. Convém salientar ainda que os grupos dominantes buscam sempre ser diferentes das demais pessoas, dessa forma, quando grupos marginalizados têm anseios semelhantes e conseguem supri-los são criadas novas formas de consumo para que os dominantes se mantenham distantes, reforçando suas identidades.

Manter ou recriá-las, segundo Campbell (2006), é umas das possibilidades de o indivíduo ser quem deseja, estando ou não ligado a uma classe ou *status* fixo.

A identidade e a manifestação do sujeito pode se revelar, principalmente, quando ele consome algum produto. Assim, percebe-se que na sociedade capitalista, o consumo é elemento fundamental para nossa existência. Contudo, este pensamento deixa de considerar as pessoas que estão à margem da sociedade e não vivenciam as práticas de consumo, nos levando a questionar se elas poderiam deixar de existir ou de ter uma identidade só porque não consomem.

Sem embargo, a cultura de consumo também pode ter a capacidade de promover alterações nas identidades, seria errôneo desconsiderar as ressignificações de comportamento e reinterpretação que as pessoas vivenciam quando se apropriam de algum produto ou bem cultural. Dessa forma, é preciso considerar até mesmo os efeitos que a produção cultural exerce sobre a sociedade, pois, suas identidades podem ser configuradas pelo consumo, por aquilo que se tem ou pode vir a ter (CANCLINI, 1995; 2009). Entretanto, não se pode desconsiderar que essa configuração se dá com base no contato com o outro.

Em suma, o consumo se trata do conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos, é o lugar onde se completa o ciclo de produção e reprodução social. É o cenário de disputas em relação ao que é produzido e a forma como é utilizado, sobre os conflitos de classes que tem o consumo como instrumento de distinção e diferenciação (CANCLINI, 1995). Entretanto, é preciso considerar que cada pessoa tem sua razão própria para consumir, ora motivada pelas opiniões coletivas, pela sua motivação individual ou pela influência da mídia. Porém, Canclini (2009, p.126) alerta que “nunca fue cierto que los consumidores fueran pasivos o prisioneros de pulsiones irracionales”.²²

2.2 O valor simbólico de possuir um telefone celular

A prática do consumo pode ser capaz de promover alterações na configuração identitária dos indivíduos, conforme Canclini (1995; 2009). Entretanto, há que se considerar o contexto e o comportamento social quando ocorre o consumo de um bem material, porque são dois aspectos cruciais nesta

²² Tradução: “nunca foi certo que os consumidores foram passivos ou prisioneiros dos impulsos irracionais”.

discussão. Neste aspecto, Silva (2000) nos elucida outra perspectiva a respeito da identidade e da diferença, que são conceitos dependentes um do outro. Para ele, se a sociedade fosse homogênea não seria necessário afirmar uma identidade, que é sempre considerada tendo a diferença como resultado.

Ao tomarmos a diferença como ponto inicial do processo é possível observar que não é a identidade que produz as diferenças, mas sim, o contrário. A afirmação de uma identidade ou a enunciação da diferença traduz o desejo de acessar bens sociais. Assim, tanto a diferença quanto a identidade são produzidas e compreendidas apenas no seu universo de significação, portanto, trata-se de um processo de produção simbólica e discursiva que está envolto das relações sociais e de poder (SILVA, 2000). Diante disso, o consumo de um objeto, como o telefone celular, pode ser capaz de marcar diferenças se sua posse tiver significado dentro do universo social em questão, por si só o aparelho não seria capaz de alterar identidade alguma.

Seguindo esta lógica, entre os anos de 2013 e 2014, o Brasil vivenciou o fenômeno do “rolezinho”, evento que mobilizou os jovens de periferia a se encontrarem em shoppings para divertir, conhecer pessoas, namorar e ostentar. Mais do que um mero encontro, trata-se de um exemplo atual em que o consumo de marcas e objetos serve como fator de diferenciação e colabora na construção da imagem do jovem de periferia. A ideia surgiu quando alguns jovens considerados famosos nas redes sociais por terem elevado número de seguidores resolveram se encontrar com os fãs num shopping. Motivados pelas letras do funk ostentação, que estimulam o consumo e a exibição da riqueza, esses famosos possuem um estilo próprio que exhibe roupas de marcas, cordões de ouro, óculos escuros, etc. Contudo, foi observado que nem todos os jovens têm condição de adquirir esses produtos que marcam o estilo do “rolezeiro”, por isso, as réplicas também são utilizadas para não fugir ao estilo (FRANÇA, DORNELAS, 2014).

De modo geral, este fenômeno, além de reunir jovens para se divertir e conhecer os famosos das redes sociais, nos evidencia como a sociabilidade de alguns jovens pode estar baseada no consumo, já que neste caso ele se torna uma matéria de sociação. O evento também é capaz de mostrar como o aspecto visual é importante para a categoria, mais do que possuir, é necessário mostrar o que tem,

assim, alimenta-se o *status*. Além disso, o fato de utilizarem réplicas de grandes marcas, como Nike e Adidas, evidencia essa celebração do consumo por parte dos jovens (*idem*).

A cultura de consumo na sociedade contemporânea, segundo Featherstone (1995) e Campbell (2006), não possui grupos com *status* fixos, entretanto, a ostentação que esses jovens reverberam é capaz de demarcar um *status* ainda que temporário. Ele se torna, sobretudo, “um instrumento de afirmação e de busca por ocupar lugares e posições até então não destinados aos garotos da periferia” (FRANÇA e DORNELAS, 2014, p.7). Apresenta-se, então, uma realidade em que a dimensão comunicadora do objeto consumido tem grande importância, porque a sua posse é capaz de comunicar algo sobre a pessoa ou o grupo social (FEATHERSTONE, 1995).

A relação da juventude com a ostentação não fica limitada ao exemplo do “rolezinho” e a utilização de marcas famosas de roupas, quando nos voltamos ao contexto das novas tecnologias ou do uso das redes sociais, podemos perceber que possuir um telefone reflete uma gama significados. Corroborando com as discussões sobre a ostentação, Vicente (2015, p. 60) declara que “entre os jovens das camadas populares, os tênis de grife, o celular mais “poderoso” [...] são alguns dos exemplos de acessibilidade a produtos e serviços, antes restritos as camadas médias e altas”.

A necessidade de possuir o telefone celular “poderoso”²³ tem muito significado para os jovens, até mesmo para os adultos. Um estudo realizado pelos pesquisadores Castillo e Gajardo (2013) no Chile com jovens de baixa renda mostra que uso do telefone celular nas sociedades chilenas é muito expressivo e que possivelmente nenhuma outra tecnologia tenha conseguido adentrar no cotidiano das pessoas e se naturalizar de maneira tão eficaz quanto o aparelho.

O estudo também aponta que os jovens chilenos necessitam acompanhar a evolução tecnológica dos celulares, ou seja, o aparelho precisa estar contextualizado com as inovações do mercado, porque a sua utilização se dá para fins de *status*, mais do que para a comunicação propriamente. Com isso, o modelo

²³ Entende-se como celular “poderoso” aquele que possui alto desempenho, sendo consideradas as especificações técnicas como: memória interna, câmera, processador etc. E, também, aspectos simbólicos: marca, valor e design do produto.

que o jovem possui ajuda na construção da imagem que ele quer transmitir no seu círculo social, porque o uso acontece visando aproximação e/ou diferenciação entre os membros de um grupo, sendo os próprios amigos influenciadores na compra de aparelhos mais modernos (CASTILLO, GAJARDO, 2013).

Nesta perspectiva, ao analisarmos o contexto dos jovens rurais participantes deste estudo nota-se que o desejo de ter um telefone surgiu a partir do momento em que eles tiveram o contato com a tecnologia, seja na escola ou por meio de algum parente. Mais do que a necessidade de se comunicar, a necessidade de possuir um celular apareceu neles ao verem alguém utilizando o telefone.

Na 5ª série eu tive o primeiro celular, já tem uns sete ou oito anos. Não sei por que eu quis ter, mas eu via as pessoas com o aparelho. Eu trabalhava de meio dia para a tarde, aí eu passei em frente à loja vi, achei bonito e comprei. Foi como um bem material mesmo. Desde novo eles [meus pais] me ensinavam a conseguir as coisas, a ser honesto. De acordo com o que eu fizesse eu ia ganhando; trabalhando sempre seria a melhor solução (Felipe, 18 anos, pardo).

Eu tinha doze anos, era de botão mesmo, depois desse eu fiquei uns três anos sem telefone. Não mudou muita coisa no meu cotidiano, eu tinha o celular mais para jogar, quando a gente é criança só quer saber de brincar. Eu jogava um pouco e depois ia brincar com meus irmãos. Eu via as outras pessoas tendo um telefone e eu falei com o meu pai que eu queria. Depois de trabalhar ele me levou na cidade vizinha e compramos um para mim e outro para o meu irmão (Tadeu, 19 anos, preto).

O primeiro que eu tive foi em 2012, eu estudava na cidade, aí eu via os meus colegas de escola com o celular, todo mundo levava para aula e era o assunto, aí eu queria ter também. Conversei com minha avó e ela me ajudou a comprar um aparelho (Gustavo, 19 anos, preto).

Os relatos apresentados evidenciam a influência que os amigos têm sobre as escolhas dos jovens, para muitos deles a necessidade de ter um telefone surgiu do contato com a realidade dos outros, principalmente quando estavam em áreas urbanas. A fala de Gustavo, 19 anos, preto, que sempre morou na Comunidade Quilombola Borá, em Brasília de Minas/MG revela essa influência do contato com o urbano, porque em 2012 sua comunidade não tinha sinal de telefone celular, só quatro anos mais tarde começou a ter acesso. Assim, o uso do aparelho

na época era limitado a jogos, acesso a rádio e etc., sendo possível fazer ligações apenas quando estava na cidade. Pode-se pensar na perspectiva de Bourdieu (2008) que a necessidade do jovem ao adquirir o celular foi criada mediante o seu contato com a cultura urbana. Entretanto, torna-se importante avançar esse pensamento porque a necessidade de ter um aparelho ultrapassa a relação com o urbano. É, sobretudo, a necessidade básica de se comunicar com o outro para solucionar problemas e/ou conversar, ou de se sentir pertencido, já que em sua moradia não havia sinal telefônico. Desejo esse que pode ser constatado em qualquer tipo de sociedade que fuja a dualidade urbano-rural.

Outro fator interessante e característico dos rurais é a transmissão de valores que se revela no depoimento de Felipe, 18 anos, pardo, quando descreve que os pais ensinaram que ele precisa trabalhar para conseguir seus bens materiais de forma honesta. A compra do aparelho geralmente é feita pelos pais/responsável ou pelo próprio jovem com o dinheiro de seu trabalho.

A influência dos amigos não se limita apenas no fomento do desejo de ter um celular. Eles também exercem certa ascendência sobre a compra do aparelho, contudo os jovens rurais também se mantêm atentos às mudanças constantes na tecnologia e aos novos lançamentos por meio da internet.

Eu geralmente converso com meus amigos e pesquiso na internet. Eu gosto da Samsung ou Iphone. Nokia também é bom. Tem muita gente que usa para tirar onda, mas eu não uso para isso não (Laura, 18 anos, preta).

O celular para mim precisa ter câmera boa, bom processador, boa memória RAM e espaço grande e tela grande porque eu não consigo digitar em tela pequena. Eu sempre pesquiso na internet e às vezes peço opinião de algum amigo (Natanael, 18 anos, branco).

Quando eu vou comprar um celular eu vejo o tamanho, eu gosto de celular grande, tem que ser Android, a memória tem que ser boa. Eu gosto da câmera também e o conteúdo, as opções de ferramenta que ele tem. Eu pesquiso mais na internet, não sou muito de pedir opinião de amigo nenhum não (Saulo, 18 anos, preto).

Há entre os jovens, como relatado, uma preocupação com a qualidade dos produtos que eles vão comprar para que não seja dinheiro desperdiçado, levando

em consideração, sobretudo, as especificidades técnicas do aparelho visando à boa capacidade de memória e armazenamento e a qualidade da câmera, por exemplo, para não haver necessidade de trocar de aparelho constantemente.

Assim como Castillo e Gajardo (2013) perceberam nos jovens chilenos a necessidade de acompanhar a evolução tecnológica, os jovens rurais participantes também sentem essa necessidade. Entretanto, a fala de Laura, 18 anos, preta, também chama atenção para a ostentação, revelando que dependendo do modelo e da marca o aparelho pode ser usado para marcar diferença e construir sua imagem no seu círculo social. Corroborando, dessa forma, para o pensamento de Bourdieu (2008) sobre o gosto realçar a maneira como a pessoa se apresenta, circunscrevendo a distinção que há no consumo e as demarcações de marginalizações consequentes por quem não compartilha dos mesmos códigos. A jovem reforça dizendo que “muita gente tem preconceito, aí você precisa andar na moda. Eu tenho que comunicar com meu pai que mora longe, aí eu preciso ter”. Além dela, outros jovens também relatam que o uso do aparelho pode ser usado para fins de ostentação.

Muitos dos jovens hoje em dia usam como objeto de ostentação, muitos têm um celular muito visado, que é mais caro. E chegam falando que tem aquela marca, que pode ter outro com preço e qualidade melhor, mas ele quer ter aquela marca. Eu olho um celular para mim de acordo com o que eu tenho. Na época de colheita de café, tempo que dá mais dinheiro nessa região [Araonga – MG], eu consegui mil reais, por exemplo, aí se eu preciso de um celular eu já olho em torno desse valor, não preciso olhar um de três mil para querer mostrar pros outros, mesmo que eu tenha condição (Felipe, 18 anos, pardo).

Eu acho que tem muito disso de ostentar. Lá na minha comunidade mesmo, com essa mudança de tecnologia, todo mundo tinha um modelo de celular, aí foram surgindo outros mais avançados, aí as pessoas já foram se achando por que tinham esses modelos mais novos (Maria, 19 anos, preta).

Eu junto muito dinheiro para comprar o melhor, se for para eu comprar um celular que todo mundo tem eu não acho muita graça. Quando eu cheguei à EFA, eu era a única que tinha Iphone, aí eles falavam ‘a riquinha chegou’, já rolou um preconceito comigo. Graças a Deus, hoje tem mais duas que tem um Iphone. Eu não gosto de ser igual a ninguém, o que eu posso fazer para ser diferente, eu faço. O celular chama atenção das pessoas, é um meio de ostentação (Sara, 26 anos, parda).

O celular “poderoso” que Sara possui foi um fator de diferenciação dela com os demais alunos da EFA Puris, mesmo com outras duas alunas possuindo um telefone da mesma marca, a estudante continua sendo taxada de rica por conta do valor do telefone. Essa constatação realça o que Bourdieu (2008) descreve sobre como o gosto pode realçar a maneira como o sujeito se apresenta perante aos demais, seja para reforçar uma distinção ou amenizá-la. Entre celulares que têm destaque e que mais simbolizam o “ostentar” está o iPhone, o telefone da Apple com sistema iOS, que teve seu primeiro modelo lançado em 2007²⁴; com recursos avançados para a época ele foi o promotor da revolução dos smartphones. Atualmente, eles evoluíram e o aparelho chegou à sua versão “Xs” podendo custar mais de R\$6 mil reais.

No entanto, não são apenas os iPhones evidenciam uma ostentação na perspectiva dos jovens rurais entrevistados. Para eles, modelos da Samsung e Motorola também chamam a atenção e agradam por terem custo relativamente menor, já que funcionam com o sistema Android. De acordo com Tadeu, 19 anos, preto, que teve o celular furtado durante uma festa, o telefone “é um objeto de ostentação em parte, porque tem gente que usa para tirar onda mesmo. Eu tinha um Samsung J7, agora quando eu for comprar vai ser um Samsung J7-pro”. A escolha pelo modelo se deve às rápidas atualizações que eles sofrem, o estudante destaca ainda que fica desinformado dos assuntos por não ter o aparelho, pois “todo lugar que eu vou o pessoal está com o celular aí eu fico até com inveja, querendo ter o meu”, revela.

De modo geral, percebe-se entre os jovens rurais a preocupação de ter um bom aparelho. Primeiro, se nota o desejo de ter um celular para atender suas necessidades básicas de comunicação, acesso à informação e ao armazenamento de dados, em seguida, o desejo de investir bem o dinheiro. Depois, percebe-se o aparelho como um instrumento de diferenciação diante dos amigos, mas também, como elemento de inclusão que permite a eles ficarem por dentro das novidades.

2.3 O significado de ter um telefone celular: consumo e apropriação

²⁴ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/relembre-cada-modelo-de-iphone-lancado-pela-apple/>. Acesso em 10 de out. de 2018.

O consumo e uso de qualquer objeto é afetado pelas intenções individuais e pelos estímulos recebidos na sociedade. Canclini (2009) considera que o contexto sociocultural pode ser capaz de influenciar na compra de um objeto e na maneira como ele vai ser apropriado. Nesta perspectiva, Cantú e Cimadevilla (2015) acreditam que é necessário pensar o consumo além de um ato compulsório, analisado sob a ótica de dados quantitativos que indicam o que se compra e o quanto se compra; reforçam que é preciso considerar junto a isso as práticas culturais do grupo social para verificar como se dá a incorporação, ou seja, a apropriação de algo no seu cotidiano. O telefone celular é um aparelho de comunicação rápida e constante que pode ser utilizado de diferentes maneiras. No entanto, a forma como cada indivíduo vai utilizá-lo para estabelecer uma comunicação ou diferenciação social é variável de acordo com suas intenções.

Os pesquisadores latino-americanos se destacam por propor uma revisão do processo comunicativo no meio rural, apresentando a comunicação como um campo que possibilita levar e trocar conhecimento. O mapeamento histórico feito por eles ajuda a perceber as fases vivenciadas no meio rural, estabelecendo as diferenças entre o modelo difusionista atuante nos anos de 1940 que considerava o camponês como um sujeito passivo que absorvia as informações veiculadas pelos extensionistas. Em contrapartida, temos o atual contexto em que os indivíduos utilizam as mídias e ainda podem usufruir dos espaços de falas criados por elas. Além disso, o uso da mídia e a necessidade do sujeito em se satisfazer são mais complexos, influenciados pela individualidade, e fortemente, pelo contexto social (CANTÚ, CIMADEVILLA, 2015).

O processo de consumo e apropriação apresenta particularidades que precisam ser levadas em consideração na sua observação e compreensão. Dessa forma, os autores apresentam a necessidade de ter um olhar sobre a orientação do contexto social, que pode direcionar as preferências dos indivíduos. Em seguida, é preciso compreender a prática de consumo que se instaura num espaço de negociação, envolto pelas práticas culturais, assim, se torna importante que o bem consumido seja capaz de produzir sentido. De tal modo, a recepção do bem está ligada à sua capacidade significativa e o uso a sua atribuição e apreensão de significado, explícito ou implícito. Ou seja, a capacidade simbólica do bem

material se torna fundamental no entendimento do processo de apropriação (idem).

O contexto atual, segundo os autores, mostra uma dependência gerada sobre a mídia pela necessidade de estar sempre atualizado com o que acontece na realidade. Dessa forma, trazer o telefone celular como um elemento a ser analisado no contexto do consumo e apropriação ajuda a pensar a relação que os jovens do meio rural têm com os meios de comunicação. O aparelho, segundo Pereira (2016), tem capacidade para criar novos agrupamentos e, entre os jovens, de modo geral, ele se torna importante na troca de experiências e informações.

O telefone celular também pode ser visto como uma extensão da vida humana com capacidade de mediar, (re)construir e armazenar as experiências vivenciadas (TONDO, 2016). A dissertação de mestrado do pesquisador revela que os jovens de uma comunidade popular no interior do Rio Grande do Sul possuem diversas formas de se apropriar do aparelho em seu cotidiano. Ele aparece como um organizador de atividades diárias utilizado para despertar, agendar as atividades, conferir as redes sociais. Além disso, ele pode ser visto como um instrumento de emancipação para os jovens, mas também, como uma forma dos pais controlarem suas atividades.

A apropriação do aparelho também pode ocorrer nos espaços acadêmicos. Pereira (2016) constatou em sua pesquisa que ele possui uma onipresença nas salas de aula, isso porque em algumas escolas seu uso é proibido. Diante disso, são criadas alternativas pelos estudantes para sua utilização, como manusear o aparelho dentro da mochila e usar o capuz do moletom para ouvir músicas no aparelho. Assim como Tondo (2016), o pesquisador também constata que a apropriação sofre muita influência do coletivo, o desejo de utilizar o aparelho está diretamente relacionado à forma como o grupo social do indivíduo interage com essa tecnologia. Isso significa que vai além do que as publicidades apresentam como vantagem para consumi-lo. No espaço escolar, por exemplo, pode acontecer para ouvir músicas, jogar, câmera frontal como espelho e outros. Pereira (2016) aponta que o aparelho também pode ser utilizado para funções pedagógicas, porém, em sua pesquisa ele constatou que o uso ainda se restringe à calculadora, foto do quadro ou livro com o conteúdo do professor.

Ao abordar a apropriação do telefone celular por parte dos jovens rurais desta pesquisa, devemos retomar o que foi descrito no capítulo 1, sobre o contexto em que eles estão inseridos, de um ambiente escolar pautado pela valorização do campo, motivados pela Agroecologia. Quando se pensa neste contexto social é importante considerar que apesar de participarem de um modelo de pedagogia da alternância, a vivência que eles possuem entre si são diferentes. A EFA Puris funciona em período quinzenal, enquanto o Licena está atuando apenas com dois tempos escola, um no início do semestre e outro no final. Além disso, é preciso ponderar a faixa etária dos jovens, pois entre os alunos do Licena, com 17 anos ou mais, existe uma preocupação e empenho maior com causas sociais, enquanto com os alunos da EFA, em geral com idade entre 15 a 19 anos, essa mobilização ainda é pouco percebida.

As observações a respeito da apropriação do telefone celular teve início já no primeiro dia de campo, realizado em 15 de maio de 2018, sendo possível perceber que os alunos da EFA Puris utilizam constantemente o telefone celular. Logo que as atividades se iniciam, com o café da manhã às 7h, enquanto se organizam para fazer a oração em agradecimento pela refeição, já foi possível ver dois jovens conversando e dizendo que o WhatsApp e a Netflix tinham “rendido” na noite anterior, fazendo uma alusão ao número de conversa e vídeos assistidos.

Nesta incursão, muitos foram os olhares lançados sobre mim, como já era esperado, mas também, me permiti observar e escutar muitas coisas durante o dia. Dessa forma, no momento do café notei que cinco jovens estavam no local com um fone em uma das orelhas, assim, enquanto tomavam o café, arrumavam o refeitório e se organizavam para ir à aula, havia um efeito sonoro os acompanhando. Questionado sobre o motivo da utilização do fone Miguel, 18 anos, pardo, afirma que escutar música enquanto realiza as atividades o ajuda a se concentrar. O aluno Natanael, 18 anos, branco, destaca que o uso do aparelho é “80% para escutar música, às vezes responder alguém no WhatsApp e ver umas fotos no Facebook. Para fazer ligação são raras, umas duas vezes no mês, no máximo”.

Durante as aulas alguns alunos também mantêm essa prática de escutar músicas, mesmo o uso sendo restrito conforme orientação do monitor. No dia da

visita, a primeira aula realizada foi de Administração Rural, etapa em que os alunos do 3º ano precisam elaborar um projeto aplicando o conhecimento que aprendem na escola e, posteriormente, têm seus trabalhos avaliados com o objetivo de concluir o ensino médio e receber o título de técnico em agropecuária. Nesta aula, os alunos deveriam apresentar suas propostas e depois haveria uma roda de conversa em que todos poderiam dar sugestões e críticas a respeito do trabalho do colega. Neste momento, o que chama atenção em relação ao uso do telefone celular é a sua utilização pela maioria dos alunos como um instrumento para produzir as apresentações ou como um dispositivo de armazenamento, semelhante a um *pen drive*. Apenas duas alunas utilizavam o notebook para fazer sua apresentação.

Na escola eu uso dentro de sala de aula para dar alguma pesquisada, para fazer um projeto. Eu não tenho computador, aí se você estiver ali com um tempinho livre já usa para escrever seu projeto. Aí você usa o Word, usa para montar a apresentação. Eu anoto tudo no celular, aí quando o monitor pede para passar a limpo alguma coisa e entregar eu vou lá e imprimo. Todo relatório que eu faço é pelo celular, já aproveito e escuto minha música, chega uma mensagem e já respondo (Saulo, 18 anos, preto).

O uso que o aluno faz não se limita apenas à elaboração do projeto e apresentação. Acontece também nas visitas técnicas e em outras aulas, já que o uso do aparelho já o levou a diminuir o uso do caderno, por considerar ser mais rápido digitar. Apesar do uso do aparelho ser restrito pela escola, os alunos o utilizam com a prerrogativa de realizar atividades escolares. Entretanto, foi possível observar o uso dele para conversas no WhatsApp, ver fotos e vídeos no Facebook. Outra prática observada foi a utilização do telefone para tirar fotos de alguém que eles gostariam de “zoar”; assim que é feito o registro eles compartilham no grupo que a sala possui na rede social.

Posteriormente, durante a aula de Química, foi possível notar que os alunos utilizam menos o aparelho e o monitor é mais rigoroso quanto ao uso. Contudo, observou-se uma maior participação dos alunos na disciplina. Como mencionado no capítulo 1, durante esta aula o uso foi autorizado apenas para que a aluna Laura, 19 anos, preta, pudesse realizar a inscrição do colega no ENEM,

para isso, foi necessário que outro aluno colocasse seu telefone na janela para rotear a internet para o aparelho dela. Além disso, outra atividade observada foi o compartilhamento de um áudio de uma visita técnica gravado no celular para que o colega pudesse fazer o relatório de atividades que precisava ser apresentado na secretária escolar. O aluno Joaquim, 20 anos, pardo, descreve como acontece o uso do aparelho no seu cotidiano.

Eu uso mais para rede social, para fazer pesquisa, ver algo de futebol, alguma pesquisa que a escola passa. Eu falo mais com meus amigos, com os homens é mais sobre futebol e com a mulher é mais assunto normal. Aqui na EFA o celular ajuda assim: quando passa alguma atividade e você não tem aquela resposta na biblioteca, aí você pesquisa na internet e ele te ajuda a fazer no trabalho. Durante as aulas é mais para mexer na internet, Facebook e WhatsApp. A apresentação do projeto aqui muita gente faz pelo celular e o trabalho fica todo no celular. O celular é bem melhor que o computador, porque dá para você transportar para todo lugar, o computador é mais difícil.

Este tipo de uso não se limita apenas a Joaquim, de modo geral, foi possível observar que o telefone está presente nas atividades escolares de grande parte dos alunos da EFA Puris, entretanto, é necessário pensar alternativas que incluam a utilização da tecnologia na sala de aula. Muitas vezes o uso acontece para fins que não dizem respeito à aula, como acesso às redes sociais, câmera fotográfica, etc. Claro que é considerável o uso feito para realizar as atividades das disciplinas, mas, como utilizar de uma maneira eficiente no ensino-aprendizado sem desviar a atenção para assuntos paralelos? Este é um ponto que ainda precisa ser trabalhado no contexto em questão.

Em relação aos alunos do Licena, o contato com eles aconteceu no “Conselhão”, no dia 07 de julho de 2018, lugar para discussões políticas a respeito do ensino e das ações necessárias para sua existência na instituição. Enquanto os representantes apresentavam as pautas, alguns alunos estavam interessados no tema central da reunião, entretanto, outros se dispersavam utilizando o Instagram e WhatsApp. Posteriormente, em 17 de agosto, outra interação aconteceu com os alunos durante a aula de Comunicação Comunitária, ministrada pela professora Ana Carolina Beer Simas. Na ocasião foi possível observar uma interação constante entre professora e alunos, no que se refere ao conteúdo da disciplina.

Além disso, foi possível notar três alunos usando constantemente o telefone celular para fins particulares como acesso às redes sociais.

Eu uso o celular do meu marido. Desde quando eu tive o primeiro em 2013 eu viciiei. Eu uso muito para acessar a internet e jogo, quando eu não tenho acesso vou numa *lanhouse* para ver as coisas do Licena (Natália, 21 anos, preta).

Eu utilizo o celular mais para assistir documentário, eu entro no YouTube. Eu uso redes sociais só para me comunicar, mais com minha família e os colegas de curso. Busco saber como eles estão; fazer alguma brincadeira. Meus irmãos moram longe, aí é a forma de manter contato. No tempo em comunidade quando eu tenho dúvida pergunto aos meus amigos, mas eu uso mais para ver documentário mesmo (Mateus, 18 anos, preto).

O telefone celular para estes jovens é a alternativa para utilização da internet, principalmente às redes sociais, mas também, para acessar conteúdos informativos que às vezes a biblioteca não é capaz de proporcionar. Tauk Santos (2011) ao pesquisar a inclusão digital em escolas de ensino médio no Nordeste do Brasil, constatou que o aparelho desponta como grande sonho de consumo dos jovens porque ele facilita o acesso e também possui um valor menor do que o computador. Além disso, ele ainda possui outras vantagens, como o fácil manuseio e transporte, já que o notebook tem um peso maior.

O relato dos jovens também vai ao encontro do que Elisa Ribeiro (2013) constatou em sua pesquisa-ação com alunos de escolas rurais. A investigação revelou que os estudantes se incluíam nas redes sociais por meio do celular; percebeu-se que o aparelho é a forma encontrada para acessar as redes, sobretudo, buscando atividades de lazer, práticas esportivas (jogos de futebol), festas religiosas e sociais. O telefone celular é a alternativa para estar integrados na sociedade contemporânea, sobretudo, para aqueles que não possuem um computador em sua moradia.

Entretanto, o uso do telefone celular não é de todo benéfico na visão dos jovens. Além das brincadeiras que podem acontecer nas redes sociais, o aparelho também pode atrapalhar nas relações familiares. Segundo Tobias, 18 anos, indígena, o celular que ajuda na comunicação deles com a família durante o tempo escola pode ser um empecilho quando estão em casa, no tempo comunidade.

Segundo ele, o horário de almoço é um momento sagrado em que todos devem se reunir e evitar muita conversa sem necessidade, pois, “antes todo mundo se reunia em volta da mesa ou até na sala para ver televisão, hoje, você olha está cada um no seu canto mexendo no seu celular, e não tem mais o momento junto”, destaca.

Como se pôde observar, a utilização do aparelho celular pode ocorrer por razões diversas, da mesma forma o modo de consumi-lo também difere de pessoa para pessoa, mas acima de tudo trata-se da apropriação com base no outro, naquilo que é definido como relevante para determinado grupo. Dessa forma, pode-se perceber que os jovens compartilham de ações parecidas em seu contexto. Assim, reforça-se o pensamento do prazer que o objeto proporciona delineado por Canclini (1995, p.70), quando ele aborda o consumo na sociedade globalizada, afirmando que “não é apenas posse do objeto isolado, mas como a apropriação coletiva, em relações de solidariedade e distinção com outros bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens”.

2.4 Para quê está servindo o celular na zona rural?

A presença de uma nova tecnologia pode ser capaz de promover mudanças em um determinado contexto ou estrutura social. Contudo, faz-se necessário não tomá-la como fator exclusivo dessa alteração. Neste sentido, Lima (2011) discorre que o determinismo tecnológico considera as tecnologias modernas como um instrumento que rompe com as fronteiras físicas, sendo difícil dimensionar o impacto que elas possuem na vida do indivíduo. Nessa concepção são consideradas como autônomas, como forças independentes, capazes de sustentar a organização social e modificar estruturas e funções na sociedade. Entretanto, é fundamental considerar o posicionamento de Williams (2011) sobre a capacidade de a tecnologia alterar a conduta social.

A perspectiva do autor é relacionada à consideração que se faz sobre a televisão na sociedade, tomando-a como um elemento que promoveu mudanças e alterou as estruturas sociais. De fato, é inegável que muitos acontecimentos foram realizados com o apoio da tecnologia em questão. No entanto, Williams (2011) destaca a importância de se compreender a prática cultural, pois é a partir da sua

alteração que pode acontecer mudanças mediadas pelas tecnologias, ou seja, as transformações acontecem não por conta de uma tecnologia específica, mas por inúmeros fatores socioculturais ocorridos na sociedade. Dessa forma, não tratamos as novas tecnologias neste trabalho sob o viés determinístico, mas como um elemento crucial no contexto atual.

Assim como a televisão, o telefone celular é um elemento de informação com grande espaço na sociedade contemporânea que pode auxiliar na criação de novas condições humanas. Carneiro (2007) aponta que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm potencial para promover um fluxo constante de informação entre os espaços urbano e rural. Além disso, Tauk Santos (2011) aponta que avanços ocorridos nos últimos anos nos meios de comunicação, sobretudo a ascensão da internet para as camadas mais populares, têm trazido à tona novas maneiras de agir dos atores sociais. Dessa forma, o telefone celular é a alternativa mais barata para aqueles que não têm condição de comprar um computador; e conexão rápida e fácil aos aplicativos das redes sociais (Facebook, WhatsApp) têm possibilitado aos jovens novas maneiras de mobilização da categoria. A autora destaca a diferença entre as juventudes passada e a moderna:

Diferentemente do que acontecia com a juventude no passado cujos manifestos eram de protestos ou no máximo reivindicatórios, a juventude do presente vai além e assume um papel propositivo. Na ausência de intervenções do Estado, os jovens têm se articulado e participam das redes sociais. Nesses casos as redes assumem uma forma de articulação solidária de indivíduos que possuem identidades identitárias e possui um potencial importante de ativar capacidades individuais e coletivas (TAUK SANTOS, 2011, p. 4).

A fala da autora a respeito da mobilização dos jovens já prenunciava a utilização das redes sociais como instrumento de articulação e mobilização quando o Estado não conseguisse intervir, fato que dois anos mais tarde na Jornada de Julho de 2013²⁵ pôde ser observado no Brasil. As manifestações organizadas pelas redes sociais não tinham aparentemente vinculação partidária e ocorreram contra a corrupção, os governos e os políticos que assolavam o país.

²⁵ Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090#ixzz5UghStpn0>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

No contexto rural, também é possível notar que as tecnologias podem proporcionar mudanças no aspecto social, como demonstra o trabalho de Cardoso (2015), no Assentamento Silvio Rodrigues em Goiás, constatando que o acesso à comunicação online é fundamental para os jovens conhecerem editais públicos que viabilizem melhorias para o rural; além disso, é um fator importante para a educação dos mesmos. Porém, o que ocorre é a falta de acesso à internet porque eles não têm condições financeiras para instalar uma antena de captação do sinal. Isso os afeta de tal modo, que é um dos fatores que os levam a deixar o campo e a migrar para a cidade, porque até mesmo para cursar um ensino superior a distância, sem a necessidade de deixar o campo, é fundamental acessar uma internet de qualidade, destaca a autora.

Do mesmo modo, Tauk Santos (2011) relata que no Brasil houve a tentativa de implantação de projetos de inclusão digital que atendessem essa população, com o objetivo explícito de superar a exclusão social. Contudo, esses programas têm sido vistos de forma ineficiente, pois muitos visam apenas a oferta de computadores e internet, o que não é satisfatório para promover uma transformação social que deve ser pautada pelo conhecimento. A pesquisadora constatou que um curso de informática não é o suficiente para garantir acesso ao mercado de trabalho, porque os jovens rurais necessitam de uma formação profissional que não fique restrita apenas ao domínio de técnicas do espaço virtual. De fato, as utilizações das novas tecnologias têm capacidade de promover alguma alteração no cotidiano das pessoas, mas é preciso ponderar que possuir um computador ou um telefone celular não garante transformação social, apenas pode possibilitar.

As transformações causadas pelas tecnologias e que permeiam a cultura de consumo, podem causar na sociedade contemporânea, segundo Canclini (1995; 2009) o fim da influência local para uma maior ação do contexto cultural global. Considera-se que os efeitos do consumo podem influenciar até no exercício da cidadania, principalmente, quando o voto é visto como um objeto de compra. Segundo ele, essa cultura tem potencial para romper com o sentimento de pertença de uma sociedade local a partir do momento que as práticas sociais e culturais buscam se integrar com o contexto global. Ao falar da realidade dos jovens do

México o autor afirma que antes seus objetivos estavam centrados em trabalho, estudos e casamento; hoje, a rota preferida deles é a conectividade e o consumo. Entretanto, será que o consumo e o intenso fluxo de informação têm afetado os jovens rurais a ponto de desconsiderarem o local e suas tradições?

Na tentativa de responder a este questionamento, é importante recorrer a Haesbaert e Limonad (2007) que ao discutirem a relação do local e global afirmam que o termo globalização se tornou popular graças ao jornalismo econômico e é mais conhecido do que a própria prática. Esse processo que é motivado pelo capital e a cultura de consumo remete à ideia de homogeneização sociocultural, proporcionando uma dissolução das identidades locais e promovendo uma exclusão socioespacial. Todavia, os autores chamam a atenção para o processo de fragmentação que se contrapõe à ideia de globalização, mas que também pode ser inclusiva, quando se considera as diferenças e heterogeneidade, ou excludente, ao valorizar as desigualdades. Dessa forma, local e global se relacionam e estabelecem conexões que permitem a reconfiguração de um a partir do contato com o outro. A reconstrução do local, por exemplo, pode proporcionar uma valorização de aspectos definidores de uma sociedade. Em suma, o local não desaparece na cultura de consumo.

Dentre as alterações que ocorrem constantemente na sociedade atual, é possível notar que o telefone celular pode mudar a forma de consumir informação para os jovens. Assim, Filho e Lemos (2008), quando discutem a “geração digital”, termo utilizado para se referir aos jovens que nasceram após a ascensão da internet e das novas tecnologias e o consumo da mídia, apresentam a distinção entre as pessoas quando consomem e utilizam as novas ferramentas, percebendo que entre os mais jovens há uma maior facilidade de interação. Eles consideram o celular, o computador e a internet como definidores de uma nova etapa, capazes de ajudar no processo de aprendizagem e de alterar os arranjos sociais, marcados pela simultaneidade em obter informação e realizar outras atividades. Apesar da facilidade que os jovens possuem para se organizar nessa lógica interativa, é necessário se preparar para esse arranjo social, fragmentado e instável (FILHO e LEMOS, 2008).

Outro estudo que demonstra essa capacidade dinâmica do telefone celular e dos jovens foi realizado por Boczkowski, Matassi e Mitchelstein no Centro de Estudios sobre Medios y Sociedad en Argentina (MESO) e divulgado em 2016 pela Revista Anfibia²⁶ e mostra que jovens com idades entre 18 a 29 anos utilizam o celular com mais frequência que o computador, já que este serve mais para as atividades da faculdade. Já a televisão aparece como um som ambiente enquanto o jovem utiliza o celular, dessa forma, quando ele escuta algo que interessa volta sua atenção para o aparelho e depois continua a realizar suas atividades no celular, como comentar nas redes sociais sobre algum programa da própria TV. Surgem também, os leitores incidentais, que consomem informação baseados apenas na rápida leitura das manchetes publicadas nas redes sociais por veículos da mídia ou pelos próprios amigos; apenas quando o interesse é despertado os jovens abrem a informação e leem o conteúdo completo.

Ambos os estudos refletem uma nova forma de consumir informação, que tem se alterado nos últimos anos, fazendo surgir leitores rápidos, o que nem sempre é benéfico. Durante as entrevistas realizadas com os jovens da EFA Puris e do Licena foi possível constatar que o telefone celular tem proporcionado aos jovens esse novo modo de se informar. De acordo com Tiago, 19 anos, pardo, antes as informações chegavam pelo rádio e, principalmente, pela televisão, que era o veículo mais utilizado por ele. Com o celular ele diz ter ganhado mais autonomia: “eu via muita notícia televisão ou pelo que minha família falava. Eles falavam e eu acreditava. Hoje em dia, já quero saber se o que foi dito é verdade, daí pesquisei o que passou na televisão”, destaca.

O telefone celular também tem auxiliado Elizabeth, 20 anos, indígena, a acessar melhor as informações, pois, sua comunidade anteriormente não tinha sinal de telefonia móvel e em sua casa também não havia televisão e rádio, por opção dos pais. Dessa forma, para ler notícias era necessário subir no alto do morro para conectar a internet. Hoje, ela já não enfrenta esses contratemplos e utiliza a tecnologia para fazer pesquisas do curso, ler sobre política e também acompanha as notícias dos grupos do WhatsApp. Como exemplo, ela cita que “no

²⁶ Disponível em: <http://www.revistaanfibia.com/ensayo/medio-ya-no-mensaje/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2018.

grupo da Agroecologia Viçosa, saí muitas notícias sobre política, sobre como fazer uma horta em casa, são fontes confiáveis”, considera.

As informações também chegam até Maria, 19 anos, preta, por meio das redes sociais. Segundo ela, essa tem sido a fonte de informação sobre o que acontece na sua região e em outras partes do mundo. Ela afirma ainda que vê tudo “pelo que postam no grupo [do WhatsApp ou Facebook]. Se acontecer qualquer coisa as pessoas já mandam fotos, colocam no status ou manda para de forma individual”. O relato da entrevistada chama atenção tanto para o papel da mídia local quanto para o risco dos compartilhamentos de notícias. O cuidado com a veracidade das notícias que são enviadas precisa ser redobrado, pois, de acordo com Branco (2017), muitas pessoas compartilham informações sem checar a fonte, incorrendo no erro de enviar boatos, muitas vezes por curiosidade, espanto, cautela e até por maldade. Para o autor, a relação das pessoas com as redes sociais tem causado, atualmente, uma desordem intelectual pela profusão de informações falsas e está formando uma sociedade pronta para opinar sem embasamento.

A respeito do consumo de mídia local, assim como a jovem Maria, outros entrevistados também disseram que as redes sociais tem sido sua fonte de informação:

Eu costumo ler notícia mais pelo Facebook, mas como minha mãe também usa o celular, aí acessamos o Viçosa Alerta, Notícias. Agora, aí ela fica por dentro desses sites e chega no horário do almoço e de tarde também ela fica informando o que está acontecendo (Felipe, 18 anos, pardo).

Eu olho muita notícia no Facebook, sempre tem alguém que posta alguma coisa que aconteceu em Viçosa, em outros lugares também. Eu vejo também notícias que aparecem no Google, quando eu vejo algo interessante aí eu leio (Tobias, 18 anos, indígena).

As escolhas dos jovens centram-se em notícias veiculadas por sites da microrregião de Viçosa a qual pertencem, Araçuaia e Canaã, suas cidades natais, respectivamente. Um dos motivos que os levam a consumir esse tipo de informação está relacionado ao que Peruzzo (2005) aponta quando discorre sobre mídia local, é o fator proximidade, que na sua concepção exerce uma grande função social. Trata-se de uma informação elaborada dentro de um contexto de

pertença e identidade. O rádio continua sendo o exemplo de mídia que possui maior enfoque no local, no entanto, há de se considerar o surgimento de sites noticiosos, editados por jornalistas ou não, que alimentam com informação a população.

O telefone celular, portanto, tem proporcionado aos jovens da zona rural uma nova forma de se informar sobre o que acontece na sua região. Rompe-se assim com a ideia de que as novas tecnologias e o consumo promoveriam o fim do local/regional em detrimento de um contexto global. Na verdade, o fenômeno que se apresenta está relacionado a uma maior possibilidade de acesso à informação, seja em âmbito local e/ou global, em que se observam os jovens rurais alinhados às práticas de consumo existentes em outros contextos, como os relatados por Filho e Lemos (2008) e Boczkowski, Matassi e Mitchelstein (2016).

CAPÍTULO 3: SOCIABILIDADE E OS ARRANJOS SOCIAIS DOS JOVENS RURAIS

Este capítulo final se dedica à compreensão de como os jovens rurais estabelecem relações sociais com o auxílio do telefone celular. Para tanto, optou-se por recorrer ao conceito de sociabilidade. A perspectiva apresentada neste trabalho é norteadada pelo pensamento de Georg Simmel, mas também, conta com as reflexões de Jean Baechler e Michel Maffesoli que contribuem de maneira significativa para o estudo.

Parte-se da definição do conceito de sociabilidade, ressaltando que a sociedade é o espaço para que ocorram interações entre os indivíduos que geram fluxo e movimento. A sociedade, deste modo, existe a partir das relações entre os indivíduos, proporcionando o surgimento de redes de interações. Essas tramas são inevitáveis, porque o ser humano tem necessidade de estar junto do outro. E, as relações que podem surgir nem sempre são de cooperação, podem também ser de conflitos.

Visando uma melhor explicação sobre as interações dos jovens rurais, optou-se por abordar o conceito de comunidade, como um espaço físico e virtual, na perspectiva de Raquel Recuero. Além disso, apresentam-se os laços sociais estabelecidos nas comunidades rurais, que se demonstram como fontes de sociabilidades.

Em seguida, apresenta-se uma discussão sobre as redes sociais e seus efeitos na atualidade, considerando que elas proporcionam uma nova configuração de comunidade que permite o surgimento de relações que ultrapassam as interações presenciais. Os aplicativos de redes sociais aparecem como a principal ferramenta utilizada pelos jovens. Por meio delas, eles têm possibilidade de interagir com pessoas que estão em diferentes contextos.

Por fim, são apresentados dados sobre o modo como os jovens rurais deste trabalho se socializam, percebendo que o telefone celular proporciona novas maneiras de socialização. Entretanto, ele também pode afetar negativamente a sociabilidade quando se torna empecilho para a reciprocidade das ações.

3.1 O conceito de sociabilidade

Os novos arranjos que surgem com a utilização das novas tecnologias apontam para a necessidade de entender o processo de sociabilidade. Simmel (2006) ao abordar o conceito recorre inicialmente à definição da sociedade, que para ele se refere a estar em contato com o outro constantemente. De modo geral, as pessoas têm seus comportamentos guiados pelas outras, mas eles não são idênticos. A sociedade, na perspectiva simmeliana, é um conceito abstrato em que todas as ações feitas pelos indivíduos ocorrem dentro dela.

Não pode haver na sociedade apenas existências individuais, porque existem incontáveis agrupamentos e configurações em seu interior. Os agrupamentos são vistos como uma unidade que geralmente envolve coesão de interesses. Muitas vezes o indivíduo pode ter seu interesse moldado ao anseio da unidade. Porém, caso ele não consiga se desvencilhar da sua vontade individual ele passa a compartilhá-la com os demais para evitar práticas egoísticas (SIMMEL, 2006).

Pensar a sociedade torna-se importante porque são as interações que acontecem entre os indivíduos que dão movimento e fluxo no seu interior. Simmel (2006) pondera que somente o sociável corresponde exatamente a uma sociedade, se não houver, ela também não existe. Deste modo, as trocas constantes não podem ser consideradas concretas, fechadas às transformações. Os estímulos produzidos pelos indivíduos causam efeitos de uns aos outros, demonstrando que lidamos com a influência do contexto social em que vivemos.

Cada sociedade tem sua forma e o seu conteúdo, que são impulsos que geram interações entre as pessoas. O conteúdo ou a matéria de sociação é aquilo que serve para mediar às ações e os efeitos de um sujeito sobre os outros. A sociação é a forma com que as pessoas se relacionam e agrupam em uma unidade a fim de alcançar seus objetivos. Todo impulso, interesse ou movimento do indivíduo pode ser considerado matéria e conteúdo de sociação. Contudo, só se torna sociação quando passa a exercer formas de cooperação entre os indivíduos. Um elemento social pode ser visto como um fator de sociação, capaz de transformar a individualidade em uma maneira de estar com o outro, em direção a

uma unidade. Assim, a sociação é o modo como os indivíduos se encontram em direção a uma unidade para realizar seus interesses. “Esses interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana” (SIMMEL, 2006, p.35).

A sociação se apresenta de duas maneiras: superficial, por exemplo, quando dois indivíduos se entreolham ao transitarem pela rua ao acaso; e duradoura, quando os indivíduos tornam essa ação frequente e recíproca, com algum interesse. Simmel (2006) busca elucidar que há outras formas de interações que vão além daquelas determinadas institucionalmente como duradoras e que se realizam, por exemplo, além do âmbito do Estado, família, igrejas, corporações etc.

Nesta perspectiva, Baechler (1995, p. 82) discorre que há diversas formas de entrar em sociabilidade. Numa sala de aula, por exemplo, há um grupo de pessoas reunidas, em teoria, com o interesse de aprender. Entretanto, dentro do grupo nem sempre a coesão de interesse é a mesma e ainda assim ocorre a sociabilidade. Para o autor, é necessário questionar “quem convive com quem?” e deve se acrescentar “de que modo?”. Além disso, a sociabilidade pode se manifestar na forma de agrupamentos formais e organizados “cuja finalidade própria é a de propor a seus membros espaços sociais, onde possam alcançar, cada um por si e todos em conjunto, determinados objetivos específicos, o principal deles podendo ser muito simplesmente o prazer de estar juntos”.

Os laços criados pelos atores sociais não são finitos porque um mantém relação com o outro e assim por diante. Baechler (1995) considera que as intenções individuais são cruciais para compreender a sociabilidade. De modo prático, o autor descreve que os laços criados entre os indivíduos podem ser vistos como uma rede que designa o contato com que eles agem. As relações estabelecidas pelas pessoas são de diferentes tipos, contudo, há comportamentos de sociabilidade que podem permanecer constantes devido aos papéis tradicionais estabelecidos, por exemplo, a mulher estabelecer relações próximas com vizinhos, feirantes e professores dos filhos.

A discussão de Simmel (2006) vai em direção aos sujeitos e suas ações sociais e individuais. Seu questionamento é sobre como indivíduos se comportam

e em que medida há diferenças no nível social e no individual. Existem diferenças nos posicionamentos do indivíduo e do grupo quando são pressionados na sociedade. Segundo o autor, o sujeito não conseguiria decidir com segurança interna e objetividade as provocações e possibilidades de comportamento. Em contrapartida, os grupos são mais convictos em suas decisões, ainda que mudem de orientação ao longo do processo.

Na perspectiva de Simmel (2006) as ações entre os indivíduos vão sempre buscar atender seus interesses. Dentro da sociedade as pessoas possuem sua dimensão individual; e o desejo de ter poder, por exemplo, pode levá-las a se juntar a outros para satisfazer sua necessidade egoística. Por isso, o autor considera necessário diferenciar as ações individuais, sob forte influência dos sentimentos, das ações coletivas, que são mais convictas, mas que não impedem a existência de conflitos internos na unidade.

O sujeito dentro do coletivo que tem suas ações mediadas pela individualidade se sente superior àqueles que se baseiam pelas decisões do grupo ou “povo”. Trata-se, de acordo com Simmel (2006), da trágica ilusão de achar que se está numa posição intocável em que as ações sofridas pelo povo não vão lhe afetar. Seria errôneo, por exemplo, o sujeito achar que a decisão política do povo por um candidato nas eleições presidenciais de um país não irá lhe acometer de alguma forma. As relações sociais se desenvolvem em uma rede, conforme Baechler (1995), ninguém pode achar-se ileso.

Em uma rede, quanto mais laços (de qualidade) houver, é melhor para o indivíduo ser mais bem visto na sociedade. A conversa é uma das formas mais difundidas de sociabilidade. Seja ela “face a face” ou realizada por meio do telefone celular, o desejo das pessoas é de estarem em constante socialização, por que isso é valorizado pela sociedade (SIMMEL, 2006). Neste sentido, Baechler (1995) reforça que a sociabilidade pode ser vista como um capital a ser acumulado. Mesmo com a falta de tempo geralmente se anseia multiplicar seus contatos e ter uma vida com relações mais abertas.

As pessoas sentem necessidade de se encontrar para estar junto e também atender seus interesses particulares. Entretanto, para que a sociabilidade aconteça de maneira eficiente é necessário assegurar o princípio basilar da reciprocidade.

“Cada indivíduo deve garantir ao outro aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores recebidos por esse indivíduo” (SIMMEL, 2006, p.40).

Além da ação recíproca, Simmel (2006) chama atenção também para a competição existente entre os indivíduos motivados pelo desejo de ser “o melhor”. Essa busca fomenta os conflitos sociais, fazendo com que as pessoas anseiem por se diferenciar dos demais. A distinção pode ocorrer de diversas formas, inclusive por meio da linguagem, seja numa conversa pessoal ou pelo discurso veiculado pelos meios de comunicação. O discurso sempre terá um caráter ideológico, por isso é necessário um olhar atento sobre a mídia, para que não produzam e reproduzam as estruturas sociais perversas (OLIVEIRA, VIEIRA, 2015).

As discussões sobre diferenciação apontadas por Simmel (2006) e os trabalhos de Featherstone (1995) e Oliveira e Vieira (2015) demonstram a importância de entender a noção de igualdade na sociedade. Ela se torna tão importante quanto à diferença, porém, permanece muitas das vezes no inconsciente das pessoas. Em outras palavras, é preciso considerar que dentro deste modelo interacionista, a que se refere Simmel (2006), existem disputas e conflitos entre os sujeitos. Nem sempre há o compartilhamento dos mesmos sentimentos e interesses. Logo, a sociabilidade também pode se dar nas divergências, quando as pessoas se relacionam buscando ter mais poder do que as outras.

Simmel (2006) destaca que damos formas aos materiais de acordo com as nossas vontades, proporcionando a eles força e liberando interesses que podem gerar autonomia. Deste modo, a comunicação entre pessoas distantes é uma necessidade sanada pelo uso do telefone celular. Contudo, a forma como o aparelho foi apropriado pela sociedade dá a ele valor por si mesmo, sem a necessidade de que alguém lhe atribua importância. Percebe-se também que muitas vezes o indivíduo utiliza esta tecnologia como forma de estar inserido socialmente. Além da sua capacidade comunicativa, o modelo e a marca do aparelho servem como forma de sociação. Assim, a diferenciação, como destaca Simmel (2006), passa a ser amplamente produzida e utilizada até mesmo onde não

haveria necessidade alguma, pois a superioridade do indivíduo se dá pelo que é novo, o excepcional ou único.

Noutra perspectiva, Maffesoli (1984; 2010) aborda a socialidade²⁷ na sociedade contemporânea, que é resultante dos agrupamentos formados pela vontade de estar junto. Para o autor, a vida social é fragmentada e não se encontra fixada, por isso, é o pluralismo que a torna profunda. Pela ótica da sociologia da vida cotidiana da qual compartilha, a existência em sociedade está cercada de sentimentos mal compreendidos. Dessa forma, é o contato com o outro no cotidiano que dá sentido ao indivíduo e geram os vínculos sociais.

Estar junto, para o autor é compartilhar do momento vivido no instante presente, nas ações cotidianas, porque é isso que importa. Na sociedade contemporânea, o anseio por pertencer a uma tribo é constante e, como no teatro, a pessoa assume diferentes papéis para adentrá-la. Percebe-se então uma preocupação com a imagem que o sujeito e a sociedade vão exibir, porque ela é parte constituinte da socialidade existente no espetáculo. É preciso considerar que a socialidade é conflitiva, assim como a sociabilidade. A diferença, por exemplo, é característica fundante, que não garante a reciprocidade como se espera. Entretanto, para Maffesoli (1984) a sociedade é formada quando as pessoas compartilham seus sentimentos e emoções.

A contribuição de Maffesoli (1984; 2010) sobre igualdade e diferença ao acrescentar as sensações individuais evidencia de maneira clara como ocorre o conflito na sociedade. Além da interação, da qual Simmel (2006) fala, as relações sociais se dão porque as pessoas buscam reconhecimento. O consumo, como mencionado por Maffesoli, faz com que as pessoas adquiram mercadorias e se unam a outras. Dessa forma, eu preciso do olhar do outro para reconhecer a minha existência. Na contemporaneidade a autonomia pode ser reduzida pela opção de não seguir mais as leis individuais. Dá-se preferência à heteronomia, em que o indivíduo se sujeita à apreciação do outro.

No segundo capítulo deste trabalho foi abordado como o consumo atua na vida dos jovens rurais, que adquirem o telefone celular para fins de comunicação,

²⁷ Para o autor socialidade é a interação que acontece entre pequenos grupos que se formam por vínculos de afeto e se relacionam reciprocamente em rede.

e também, para ostentação. Demonstrando na prática que muitas vezes para estar inserido em seu grupo é necessário compartilhar dos mesmos códigos. Neste caso, nota-se que a socialização acontece por meio do valor simbólico que o aparelho possui (sua marca, modelo, funções).

Para fins elucidativos, a utilização do termo “sociabilidade” se torna mais viável neste trabalho, por considerar que a socialização não acontece apenas por razões sentimentais e não só no presente, conforme Maffesoli (1984). No entanto, os conceitos são entendidos de forma complementar, uma vez que a contribuição do referido autor auxilia na compreensão de fenômenos atuais. Além disso, a tecnologia transformou-se, na contemporaneidade, um elemento fundamental para estar junto. Maffesoli (2010, p.27) acrescenta ainda que a internet acaba sendo “o vetor essencial. Ela é para a sociedade de hoje o que a ágora era para as cidades gregas, ou a praça pública para as aldeias e cidades do mundo tradicional”. Neste sentido, ele destaca que as pessoas passam a ter novas formas de agir, ser e pensar. E nenhuma fala é perdida, porque os meios de comunicação interativos proporcionam que alguém encontre o que foi dito e aquilo que foi silenciado.

3.2 Laços sociais estabelecidos em comunidade

Antes de aprofundar a discussão sobre a sociabilidade realizada pelos dispositivos tecnológicos e a internet, torna-se importante abordar como está organizada a sociedade rural e como se estabelecem as relações sociais entre os indivíduos. Assim, é necessário compreender o funcionamento da comunidade rural e como se dão as práticas de interações entre os moradores. Observando que apesar de viver em espaços geográficos considerados distantes algumas vezes, os rurais se relacionam e estabelecem relações de reciprocidades que dão unidade e funcionalidade ao local em que vivem.

A teoria dos laços fortes e dos laços fracos, desenvolvida por Mark Granovetter, segundo Lemieux e Ouimet (2012), pode ser útil para entender os relações estabelecidas no contexto rural. Essa teoria considera que os laços fortes são aqueles que nos une aos parentes, cônjuges e amigos, por exemplo, podendo ser chamados de laços estreitos. Já os laços fracos, também conhecidos como

frouxos, são aqueles que unem as pessoas a conhecimentos, antigos colegas de turmas, parentes afastados, por exemplo.

Nesta perspectiva, autores afirmam que as diferenças entre os laços geram nas redes sociais configurações diversas, pois os laços fortes se estabelecem com relações mais frequentes, há mais dedicação de tempo. Os laços fracos se dão com menos intimidade, não há confidências mútuas. A reciprocidade acontece de maneira mais efetiva nas relações fortes, neles há mais intensidade emocional. Além disso, nos laços fracos não há diversidade da relação, assim, os parentes estão ligados apenas à área do conhecimento, não compartilhando das diferentes áreas que compõe a vida da pessoa (LEMIEUX e OUIOMET, 2012).

Na comunidade rural é possível perceber essas interações entre os atores sociais. Cândido (1964), apesar de sua perspectiva funcionalista, ajuda a compreender a importância do bairro rural na estruturação da sociabilidade. Ele encontra-se vinculado a vila que possui uma paróquia no centro das atividades. Trata-se de uma reunião de grupos rurais (famílias) que se vinculam pelo sentimento de pertença à localidade, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades religiosas. As casas podem ser construídas próximas umas as outras ou podem estar distantes. Muitas vezes as distâncias geram a sensação de segregação entre os rurais, porém, raramente isso ocorre, salienta o autor.

Muitas das relações sociais que se desenvolvem no meio rural são motivadas pelos vínculos que se estabelecem com a terra. Woortmann (1987) em sua etnografia explica que há um simbolismo neste relacionamento, porque a terra é tratada com respeito, como aquela que precisa ser cuidada para que possa dar os frutos necessários para a sobrevivência do grupo. Além disso, o apego afetivo se dá também pelas raízes familiares, uma vez que a terra pode ser herdada por outras gerações.

O sustento se dá pela terra e as relações comerciais também. Por mais que estejam inseridos em uma lógica capitalista, as ações dos rurais não correspondem muitas vezes aos padrões impostos por este sistema. Eles estão envolvidos num sistema de reciprocidade. Woortmann (1987) destaca que as relações de negócios não são aconselháveis entre parentes devido à proximidade e as relações de afetos e trocas que não podem ser colocadas em risco devido aos interesses comerciais.

Além disso, outra ação recíproca e que também não envolve negócios é o compadrio. Nesta relação, o pesquisador esclarece que é comum o filho recém-nascido ser apadrinhado por outra pessoa de confiança da comunidade rural, para que haja auxílio na educação, trabalho e em outras etapas da vida da criança.

Há entre os rurais uma maior valorização do aspecto social perante o valor-trabalho. A comunidade rural aparece no trabalho de Woortmann (1995) como um espaço isolado, com seus membros se relacionando entre si, por meio das conexões pessoais estabelecidas com os parentes, vizinhos e compadres. Além das relações de mercado e daquelas formadas devido à saúde, religião e educação. Nesta perspectiva, a família aparece como um núcleo de produção em que o pai (chefe da família) controla toda a renda obtida.

Outro modo de se relacionar social no espaço rural se dá por meio das festividades religiosas. O crescimento da comunidade, geralmente, se dava em torno do cruzeiro fixado e que se tornava depois o centro da comunidade. Consequentemente, surgiam as capelas e os encontros religiosos, acarretando na socialização entre os vizinhos da comunidade. As festividades do santo padroeiro na região proporcionavam não apenas a interação entre os rurais do mesmo bairro, mas também, gerava um grande fluxo de pessoas de diferentes comunidades e até da cidade para comemorar (SANTOS, KINN, 2009).

A religião e seus encontros geram entre os rurais um sentimento de coletividade que resulta nos mutirões. Trata-se de uma prática em que as pessoas se juntam para realizar um benefício a alguém da comunidade, seja na plantação, na construção de uma casa. Em Minas Gerais, Brasil, a religião católica é uma das principais promotoras dos mutirões. As ações de ajuda mútua que envolve auxílio ao outro não era vista só como uma obrigação, mas como uma forma de agradecimento à Deus. As celebrações religiosas também proporcionavam o crescimento das comunidades. A religião pode ter um papel fundamental na construção dos espaços rurais na região (SANTOS, KINN, 2009).

O fluxo transitório entre o espaço urbano e rural acontece e também pode promover interações no aspecto da educação. Paulo (2011) ao abordar as questões de identidade dos jovens rurais, discorre que o contato com o ambiente escolar provoca diversas sensações entre os jovens rurais (do sítio) e os jovens da rua (que

vivem na cidade). Os jovens se encontram num espaço em que a sociabilidade se dá em meio ao estranhamento com outra realidade, muitas vezes envolta em conflitos de identidade.

A pesquisadora esclarece que as dificuldades de acesso aos meios de comunicação, transporte e outros são aspectos que precisam ser vencidos pelos jovens rurais. Esses obstáculos também podem ser vistos como sinal de coragem, caso o jovem os enfrente. Colocam-se em interação os diferentes hábitos que moldam o comportamento social dos rurais. Aspectos como dormir e acordar cedo e a simplicidade são vistos como sinais de oposição aos moradores da rua.

O acesso aos dispositivos tecnológicos de comunicação tem se ampliado nos últimos anos. Ainda que de maneira tímida como se observam neste trabalho, as TICs estão presentes no meio rural. Em especial, o telefone celular tem modificado a sociabilidade das pessoas, independente da faixa etária. Felippi e Escosteguy (2017) desenvolveram uma pesquisa em um município do Sul do Brasil, e constataram que o aparelho tem dinamizado as relações interpessoais e gerando sentido entre os jovens. Mesmo com o acesso precário ao sinal de telefonia e à internet, elas observaram que as trocas de mensagens acontecem seja entre familiares, amigos e casais. Além disso, constataram que a tecnologia tem colaborado na redução da distância entre rural e urbano, proporcionando um trânsito dos jovens entre os espaços, que não se refere essencialmente à migração.

A relação das TICs com as outras mídias também foi considerada pelas pesquisadoras, ao perceberem que o telefone celular tem seu uso mais caracterizado pela individualidade, enquanto outros meios como a televisão e o rádio podem ser consumidos por um grupo ao mesmo tempo. Porém, se faz a ponderação de que o uso individualizado da mídia não altera o convívio familiar como acontece no espaço urbano, porque a vida no campo demanda o compartilhamento de experiências. Além disso, boa parte dos jovens teve o seu primeiro contato com o celular por meio da aquisição da família, depois que o uso passou a ser individualizado, ligado às práticas escolar, de trabalho, consumo de informação, redes sociais e diferenciação nos espaços. As pesquisadoras constatam que o uso além dos já mencionados, para as mulheres pode ter uma

função integradora da família, capaz de amenizar as distâncias dos que estão longe e controlar o tempo dos que estão por perto (FELIPPI; ESCOSTEGUY, 2017).

Mediante o exposto pelas pesquisadoras a respeito da presença das TICs e de uma nova possibilidade de interação entre os rurais, e também pelas considerações de Recuero (2005) ao abordar os conceitos de comunidades, utópica e contemporânea. Considera-se que a comunidade rural vivencia uma nova fase que não exclui os valores sociais, como o afeto, reciprocidade e zelo pela terra. Trata-se de um processo de reconfiguração que pode gerar semelhanças com as comunidades contemporâneas, formada por laços sociais mais fracos e frágeis, sem que desapareça com os traços da comunidade utópica.

3.2.1 Redes sociais – Comunidade virtual

O acesso às redes sociais online tem sido espaço de conexão, interação e para a construção de grupos com diferentes modos que compartilham de novas formas de sociabilidade (BRAGA, 2011; RODRIGUES, 2016). Nelas pode acontecer o mesmo processo de agregação dos indivíduos baseados em seus interesses como indicava Simmel (2006). De acordo com Braga (2011), as “comunidades” que surgiram nas redes sociais com o auxílio da internet possibilitaram uma desterritorialização e maior interação das pessoas. Dessa forma, as “comunidades”, “grupos”, “*fanpages*” agregam pessoas que possuem uma reciprocidade de interesses, porém, que não convivem num mesmo espaço físico.

Neste contexto, torna-se possível que um morador da área rural no Brasil faça parte de um mesmo grupo de alguém que viva no México, bastam compartilhar os mesmo códigos e interesses. Outros aspectos, como a amizade e as relações familiares, também lidam com essa nova possibilidade de sociabilidade online, porque é possível estar em contato com alguém que mora longe, mas também, é possível perceber que as pessoas procuravam manter relações amistosas mesmo com os desconhecidos, sendo a confiança algo cultivado lentamente (BRAGA, 2011).

O Facebook²⁸ é uma rede social que atua na construção do espaço social dos atores no ciberespaço. Lançado em fevereiro de 2004, surgiu com o intuito de tornar o mundo um lugar mais aberto e conectado, permitindo que as pessoas possam criar suas comunidades e estabelecer conexões em diferentes localidades. A conversação é a forma de apropriação mais utilizada pelos usuários. Trata-se de trocas de mensagens que se manifestam por palavras, curtidas, comentários e compartilhamentos. O site ganhou destaque por possibilitar ao participante uma nova forma de estar conectado. Diferente daquela existente no início da internet, em que os usuários interagiam em salas de bate-papos de algum portal de notícias na internet. O Facebook proporciona ao usuário se conectar aos amigos, pessoas famosas e veículos de comunicação, dando-lhe autonomia para gerir os conteúdos que lhe agradem (RECUERO, 2014).

Os usuários do Facebook também têm a possibilidade de gerar capital social com a manutenção da sua rede social. Os valores são negociados e imersos na estrutura dos grupos sociais. Dessa forma, para manter uma boa imagem perante o outro, busca-se um número elevado de curtidas, comentários e compartilhamentos de publicações. As curtidas atuam como um sinal de que a publicação foi vista e considerada interessante pelo usuário. Para ampliar o alcance de alguma publicação que acha relevante ou que os amigos vão achar, o usuário utiliza-se do compartilhamento. Já os comentários referem-se a uma participação efetiva do usuário sobre o tema de publicação. Além dessas formas de angariar capital social, o número de amigos/seguidores na página também sinalizada popularidade (RECUERO, 2014). O jovem Tomé, 19 anos, preto, relata que o Facebook possui vantagens em relação às outras redes sociais devido à diversidade de conteúdo disponibilizados no site. “Eu gosto mais do Facebook, porque o que você pesquisar lá você acha. A comunicação lá é melhor”, destaca.

Existe o medo do aparelho distanciar as relações presenciais. No entanto, os conteúdos disponibilizados ganham a atenção, porque, eles nunca acabam (SOUZA, ARAÚJO e PAULA, 2015). O Whatsapp ultrapassa as relações virtuais sendo capaz de proporcionar aos jovens uma nova forma de marcarem encontros

²⁸ O Facebook tem 2,2 bilhões de usuários ativos no mundo, no Brasil são 127 milhões de participantes. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml> Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

com os amigos, colaborando para as interações face a face. Em contrapartida, as relações presenciais podem ser afetadas pela utilização do aplicativo durante alguma atividade. Moraes (2016) acredita que as duas vivências são sentidas pelos jovens como reais. Por isso, há a necessidade de conciliar os momentos, sendo difícil abrir mão de uma socialização em detrimento da outra, para eles as duas são válidas e possíveis.

Os jovens participantes desta pesquisa relatam que o WhatsApp facilitou a maneira deles se comunicarem com as outras pessoas, estando elas ou não meio rural. Uma das vantagens relatadas se deve ao fato de não precisar gastar muito colocando créditos no aparelho. Rafael, 18 anos, pardo, relata que o aplicativo auxilia na comunicação com os colegas de escola. Em contrapartida, Pâmela, 20 anos, parda, afirma que o aplicativo é utilizado para conversar com o namorado e com os familiares. A utilização do aplicativo tirou a necessidade de fazer ligação pelo telefone celular no modo convencional. Desse modo, o WhatsApp proporciona aos usuários conversas por mensagens de texto, áudio, chamadas de voz e vídeo.

O trabalho de Silva e Lopes (2018) realizado com jovens rurais universitários em Viçosa, Minas Gerais, demonstra a onipresença do celular nas atividades cotidianas. No ambiente universitário, o aparelho se tornou fundamental para se relacionar com os colegas de faculdade, por meio das redes sociais. Os entrevistados relatam no trabalho que as redes sociais são utilizadas para criar grupos de conversa para decidir e organizar como serão feitos os trabalhos acadêmicos. Para os jovens da pesquisa o aluno que chega à universidade e não possui um telefone celular pode se sentir descolado, porque todas as atividades demandam de acesso à internet e interação com os demais colegas. Além disso, o aparelho e as redes sociais facilitam o contato dos jovens com as famílias que estão longe. E aumenta a comunicação dando opções diferentes de consumir informação e se expressar sobre o que acontece.

As interações geradas no âmbito das redes sociais são vistas como “novas sociabilidades”. Rodrigues (2016) destaca que o Facebook e as outras redes sociais podem gerar novos laços entre as pessoas. Contudo, a forma de estar com as pessoas também têm se modificado. Assim, as amizades geradas na rede social

enfrentam aproximações e distanciamentos que dão artificialidade às relações. Baseada em Simmel e Maffesoli, a pesquisadora discorre que a sociabilidade passa a ser um jogo de “faz de conta” ou “teatro”, porque as pessoas passam a interagir por mera formalidade, sem a intenção social.

3.3 Conexões ou desconexões por meio do telefone celular?

O telefone celular como já descrito no segundo capítulo deste trabalho, pode ser considerado uma extensão do ser humano. Segundo Tondo (2016), isso ocorre devido à capacidade do aparelho adentrar em diversos âmbitos do cotidiano. Além da função de ligação pelas operadoras telefônicas, envio de mensagens, câmera fotográfica e outras, o aparelho se tornou o principal suporte para acessar a internet e as redes sociais. A TIC Domicílios (2017) destaca que 90% dos internautas brasileiros já acessaram a rede por meio do telefone celular. E que todos utilizaram a internet principalmente para o envio de mensagens instantâneas pelas redes sociais. Dessa forma, é notória a necessidade de analisar os fluxos interacionais gerados por meio do aparelho neste trabalho.

A utilização do telefone celular pelos jovens entrevistados acontece constantemente durante o dia. Na EFA Puris, enquanto os jovens fazem as refeições e realizam outras atividades o aparelho está presente. Em alguns momentos ele é um elemento de interação, em outros, é um instrumento de distanciamento, na medida em que o usuário se desconecta da relação real que acontece no instante. Esse momento de desconexão na EFA pôde ser observado durante as aulas, quando o monitor explicava o conteúdo da disciplina e o estudante estava com fone de ouvido escutando música ao invés de participar da aula.

Os autores Pereira (2016) e Tondo (2016) destacam a onipresença do aparelho quando é utilizado para ouvir música, sobretudo, nas salas de aulas onde a utilização é restrita. Os alunos Miguel, 18 anos, pardo e Natanael, 18 anos, branco, afirmam que as músicas os ajudam a se concentrarem nos estudos. Porém, nota-se na perspectiva de Baechler (1995) e Simmel (2006) que dentro do grupo organizado na sala de aula há maneiras diferentes dos jovens entrarem em sociabilidade. Enquanto alguns alunos se socializam com o monitor e o conteúdo,

outros preferem utilizar a música e a conversa com os amigos. Contudo, não é possível responder em que medida os interesses de aprender são, de fato, alcançados por meio dessas formas de socialização.

A observação feita no “Conselhão”, atividade realizada pelos alunos do Licena, evidência a presença do telefone celular como elemento de dispersão da socialização inicial. A reunião tinha como objetivo discutir as melhorias de ensino para os jovens. Entretanto, alguns estudantes preferiram interagir nas redes sociais por meio do aparelho. Houve pouca ou nenhuma interação por parte destes com o objetivo central do grupo, demonstrando que as intenções destes indivíduos eram diferentes das do grupo (Simmel, 2006). Dessa forma, o telefone celular surge como um elemento de fuga da socialização física em detrimento da socialização virtual realizada por meio do WhatsApp. Em contrapartida, durante a aula de Comunicação Comunitária os alunos foram mais participativos com o objetivo central da reunião, sendo observados poucos momentos em que o telefone celular foi utilizado por apenas três alunos, em uma turma com cerca de 30 alunos.

A utilização do telefone celular a todo o momento pode prejudicar os momentos de socialização que acontecem no horário das refeições entre os rurais. Assim como a televisão foi capaz de modificar esses momentos considerados sagrados, o celular também está alterando a convivência. Como já relatado por Tobias, 18 anos, indígena, os momentos em que sua família se reúne em torno da mesa para se alimentar e conversar sobre como foi o dia está se tornando raro porque cada um fica no seu canto usando o aparelho. O relato do jovem vai de encontro com a consideração de Felippi e Escosteguy (2017), para as pesquisadoras o telefone celular não afeta as relações familiares. Desse modo, considera-se o pensamento de Woortmann (1987) sobre como os vínculos afetivos dos rurais são fortes, assim como nas comunidades utópicas descritas por Recuero (2006). Assim, a percepção que se tem é de que a tecnologia expande os laços fracos e atua na manutenção dos laços fortes, não necessariamente ela os enfraquece.

Entre os jovens rurais observa-se a necessidade de estarem juntos. Durante as horas livres do dia os alunos da EFA se reúnem para conversar, jogar e estudar. No dia do trabalho de campo, observou-se um grupo reunido dentro da sala de

aula com o objetivo de fazer as atividades escolares. Entretanto, essa socialização inicial revelou desejo de eles estarem juntos estudando, mas também, compartilhando de vivências que não se restringiam ao ambiente escolar. Na perspectiva de Maffesoli (1984; 2010) essas relações são capazes de gerar vínculos sociais duradouros porque compartilham de sentimentos e emoções. O celular estava presente neste contexto por meio do compartilhamento do sinal de internet, como descrito no segundo capítulo. Esta relação de solidariedade pode ser considerada recíproca, portanto, um laço forte que se mantém por meio da tecnologia. Além disso, a ação também, se tornou matéria de sociação quando um aluno mostrou uma foto no dispositivo ao outro; ao ativarem a função de ouvir música no alto-falante para todos experimentarem do som. Além disso, foi possível observar que possuir a tecnologia não elimina as práticas de lazer e socialização já existentes, como o jogo de baralho que também acontecia em outro espaço. O celular apareceu neste momento como um complemento das interações.

O telefone celular pode se tornar uma maneira de estar junto aos outros quando passa a desempenhar funções que possibilitam a conexão entre pessoas distantes, até mesmo entre as que estão próximas. Essa comunicação se dá principalmente por meio das redes sociais. Entre os jovens rurais as ligações no modo convencional não são realizadas com tanta frequência devido ao custo. Entretanto, alguns dos que colocam créditos no aparelho no modo pré-pago o fazem para acessar a internet.

Eu não uso para ligação. É muito difícil, só quando vou ligar para casa. Eu uso muito o WhatsApp. E não tenho muito grupo, converso mais com meus amigos por mensagem privada e com minha família é por um grupo. Com o pessoal da escola e entre os meus amigos o uso é quase todo igual. A gente conversa uns assuntos bobos, sobre o que aconteceu no dia, essas coisas. Meu irmão mora fora, aí ele liga lá para casa quando precisa, mas a gente conversa muito pelo celular. Ele usa mais para trabalho, ele tem uma sorveteria. Então, é para fazer entregas. E meus pais têm um celular rural fixo só para fazer ligações. O meu pai, por exemplo, trabalha na rua e quando ele vai atrasar liga para avisar (Lavínia, 18 anos, parda).

Minha mãe usa o WhatsApp para conversar com os irmãos dela que moram longe. Eu já vou mais conversar com meus amigos, ver como eles estão, se precisam de alguma coisa, alguma ajuda. Meu pai usa mais para ligação, mas minha mãe vai

ensinando ele a usar, mostrando como usar e vai aprendendo junto com ele (Felipe, 18 anos, pardo).

Os relatos dos dois entrevistados evidenciam que o uso da ligação convencional não é tão praticado pelos jovens. Entretanto, entre seus familiares ainda acontece, sinalizando para uma apropriação diferente entre eles. Além disso, revela a manutenção de um laço forte estabelecido no ambiente familiar. Natália, 21 anos, preta, que também é casada se considera viciada no aparelho, porém, destaca que não utiliza as redes sociais para se comunicar com os amigos e nem com familiares, porque a maioria deles não possui perfil nelas. “Eu prefiro conversar pessoalmente. Uso muito o Facebook, mas eu gosto de ver publicações sobre Deus. Me comunico com minha mãe por ligação, porque ela mudou para longe de mim. Então, sempre que possível eu ligo para ela”, afirma.

Quando eu estou na escola e eles lá [na comunidade] é difícil, eu comunico mais com meu irmão e minha irmã, porque meu pai e minha mãe não tem internet, aí é mais difícil de falar com ele. De vez em quando eu ligo para casa para ver se está tudo bem (Joaquim, 20 anos, pardo).

O Whatsapp e Facebook tem chamada de vídeo, quando eu quero ver meu irmão que mora com meu pai eu ligo para ele, e ligo bastante para minhas amigas também. Eu uso para conversar com minha família e amigos. No grupo da escola e da sala, a gente usa para saber o que tem que levar para a próxima quinzena (Laura, 19 anos, preta).

Os jovens apresentam algumas das facilidades que as redes sociais têm proporcionado a eles no quesito comunicação. Corroborando com o pensamento de Silva e Lopes (2018) ao considerar o telefone celular um elemento de conexão entre as pessoas que estão em diferentes contextos. Além disso, demonstra diferentes tipos de socialização, já que as pessoas mais velhas utilizam para conversar com os que estão longe a fim de amenizar a saudade e os jovens para conversar com os amigos.

Os grupos são formados nas redes sociais por pessoas que possuem interesses em comum. Conforme Simmel (2006), a coesão de interesses pode acontecer por diferentes motivos, sejam eles duradouros ou não. O grupo de família é, por exemplo, de relação duradoura na medida em que é utilizado para facilitar a comunicação entre pessoas que compartilham dos mesmos sentimentos

e vontades. Em contrapartida, alguns agrupamentos criados no WhatsApp pelos alunos da EFA tem por objetivo apenas a realização de trabalho escolar. Dessa forma, há uma coesão de interesses e reciprocidade nas interações, contudo, ela termina quando o trabalho é entregue e o grupo é desfeito.

As motivações para o surgimento dos agrupamentos virtuais seguem, em certa medida, as interações que acontecem nas comunidades rurais. Dessa forma, há jovens que possuem grupos para fins de estudo, festas, trabalho, política e outros. A jovem Laura, 19 anos, preta, destaca que usa os grupos apesar de não gostar deles. “Eu uso os grupos mais para ver e comprar roupas, ver lojas, saber notícias. Mas eu não gosto muito de grupo por conta do excesso de coisas que eles mandam. Também uso para divulgar convites de festas que eu trabalho”, afirma. O aluno Felipe, 18 anos, pardo, já destaca que o uso que seus amigos fazem é mais relacionado com estudos e jogos, enquanto ele interage mais em um grupo religioso do qual ele participa. Em contrapartida, Pâmela, 20 anos, parda, relata que tudo do seu grupo de jovens é resolvido pessoalmente, porque em sua comunidade o sinal não é bom e nem todas as pessoas possuem o aparelho, para evitar exclusão eles optaram por agir dessa maneira.

O telefone celular atua com fundamental importância quando os jovens estão desempenhando alguma atividade acadêmica. Ele auxilia na comunicação quando estão no tempo escola e quando estão em suas comunidades. Estando longe de casa o aparelho é o principal meio para falar com a família. E, quando estão em casa o celular é utilizado pra conversar com os colegas da escola ou faculdade e saber sobre os conteúdos das disciplinas.

O WhatsApp é a coisa que eu mais uso, pra falar com amigo, em grupos e com meus pais, quando eu estou longe deles converso bastante. Quando eu estou em casa ele não atrapalha, mas tem vez que a gente fica mais entretido com o celular aí se esquece de tudo. Quando a gente da escola está longe um do outro ficamos comunicando pelo celular para saber os assuntos das aulas (Miguel, 18 anos, pardo).

Eu mexo mais no WhatsApp, por grupo e conversa com as pessoas, é mais conversas sobre jogar bola, compartilhar besteira. Eu não participo de nenhum grupo de movimento social, eu participo mais de grupos de futebol, de amigos, da EFA Puris. Em casa de lazer é praticamente jogar bola, só jogar

bola. Aqui também minha diversão também é jogar bola. O celular pode ser um instrumento de lazer, aqui na escola no horário livre você vai ao celular pesquisa alguma coisa, vê vídeo (Joaquim, 20 anos, pardo).

O celular também pode proporcionar diversão, conforme o último relato. Entretanto, evidenciam-se as atividades de lazer que já aconteciam antes da tecnologia adentrar no cotidiano das pessoas. É possível observar também alguns dos aspectos descritos por Woortmann (1987) e Woortmann (1995), como as relações de solidariedade. Elas estão presentes e se evidenciam, por exemplo, no auxílio que um dá ao outro seja compartilhando sinal de internet ou fazendo a inscrição para a prova do ENEM. As práticas de lazer como reunião de grupo de jovens, jogar futebol, nadar na cachoeira e ir a festas com os amigos também foram observadas. Além disso, a relação com o trabalho também ainda é existente, boa parte dos jovens trabalha na lavoura nos períodos de colheitas. Importante observar que a tecnologia não substituiu antigas práticas, apenas têm possibilitado aos jovens novas maneiras de interagir. Dessa forma, os grupos nas redes sociais facilitam para marcar os encontros e momentos de lazer dos jovens.

O aparelho tem atuado como um facilitador para que essas atividades aconteçam por meio das conversas individuais ou em grupo. Contudo, apesar das facilidades que os grupos das redes sociais apresentam, eles também podem ser um perigo para os usuários. De acordo com Lavínia, 18 anos, parda, há pessoas mal intencionadas que usam desse modo de socialização para incomodar. “Eu não gosto muito de entrar em grupo do WhatsApp, porque tem alguns com muitas pessoas desconhecidas, aí eles pegam o seu número de celular e ficam te ligando. Eu não acho isso legal!”, revela a jovem. Além disso, Maria, 19 anos, preta, afirma que tem medo de algumas relações que se desenvolvem nas redes sociais. “Eu tenho muito medo de tecnologia. Muitas amigas minhas conversam com pessoas que não conhecem. Eu tento alertá-las, porque a gente nem sabe se a conta é verdadeira ou não. Se envolver com pessoas que não dá para confiar é muito complicado”, pondera.

As interações nas redes sociais não se restringem apenas aos grupos, conforme Recuero (2014) trata-se da troca de mensagens que podem se manifestar de diferentes maneiras, seja por curtidas, compartilhamentos ou imagens. Os

jovens também utilizam das ferramentas disponíveis para se socializar com os demais. Eles revelam que utilizam as redes para se informar e comunicar com os amigos. Mas, também, acessam seus perfis para ver o que as pessoas estão fazendo, suas publicações, fotos. Além disso, eles também as utilizam para compartilhar seus momentos. Maria, 19 anos, preta revela que “no Instagram²⁹ eu gosto de postar foto e ver coisas de maquiagens. No Facebook eu gosto de ver as publicações das outras pessoas.” Já Gustavo, 19 anos, preto revela que não é muito de publicar fotos no Facebook, mas revela que “no Instagram, eu não sou de compartilhar foto, mas sou muito de curtir”.

A presença do telefone celular entre os jovens possibilita novas conexões, mas também, pode interferir na maneira como as já existentes se configuram. Para que a sociabilidade seja eficiente é necessário que haja reciprocidade nas ações (SIMMEL, 2006). Entretanto, quando o aparelho é utilizado dentro da sala de aula para ouvir música ou durante os jogos realizados pelos jovens, ele pode se tornar um elemento de dispersão que impede essa harmonia da relação, colocando a sociabilidade em risco. Ao mesmo tempo, não se pode desconsiderar que o aparelho também pode proporcionar novos elementos à sociabilidade existente, auxiliando na manutenção dos laços sociais já existentes e criando novos arranjos que fogem da dimensão territorial rural.

²⁹ Rede social em que o usuário pode postar fotos e vídeos curtos. Foi lançada em 2010 e tem ferramentas de curtidas, edição de fotos e mensagens diretas. Além disso, permite o compartilhamento de imagens em tempo real. Fonte: <https://rockcontent.com/blog/instagram/> Acesso: em dez. 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os escritos deste trabalho é resultado de dois anos de pesquisa que buscou compreender como os jovens rurais utilizam o telefone celular. Especificamente, se observou os usos feitos por aqueles que estudam na Escola Família Agrícola Puris, em Araponga, e no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa. Jovens que acreditam em sua cultura e valorizam o compartilhamento do conhecimento seja ele vindo de uma sala de aula ou de seus familiares. Jovens que resistem ao discurso de isolamento e atraso. E, que utilizam de estratégias para se alimentar, estudar e acessar informação.

Ao decorrer deste trabalho foi importante ter um olhar sobre a juventude rural e seus aspectos. Dessa forma, no primeiro capítulo “*Especificidades dos jovens rurais no contexto da Educação do Campo*” foi discutido como os jovens estão inseridos e são vistos pela sociedade.

Ser jovem ultrapassa os limites de uma classificação etária ou de uma fase da vida, é principalmente uma condição na qual os sujeitos estão experimentando, formando valores e suas identidades. Atualmente, o debate sobre a juventude demonstra a categoria como peça-chave para a dinâmica da sociedade contemporânea, tanto pela capacidade de dar continuidade aos processos quanto pela sua desenvoltura ao lidar com as novas tecnologias. Essa percepção dos jovens enaltece a importância de estudar a relação que eles têm com as novas tecnologias e como essas podem afetá-los.

Dentro das juventudes, os jovens rurais também são caracterizados por seus aspectos plurais, mostrando-se uma categoria heterogênea. Dessa forma, ao tentarmos entender o papel que eles ocupam dentro das sociedades rurais destacamos a importância de se discutir suas trajetórias de vida. Considera-se que suas escolhas são afetadas tanto pelo modo como a sociedade camponesa se organiza (aspecto familiar, acesso a terra) quanto pelas oportunidades que os jovens têm sejam elas ligadas à sucessão familiar, educação, acesso às novas tecnologias, participação em movimentos sociais e outros.

A Educação do Campo perpassa o cotidiano dos jovens envolvidos neste trabalho. Entretanto, apesar dos benefícios visíveis que eles recebem ao ter um

ensino que atenda as suas necessidades, é importante deixar registrado as dificuldades que ainda existem em relação ao modelo pedagógico que sofre com a falta de apoio dos governantes³⁰. Revelam-se também jovens que em meio às dificuldades de terem seus direitos garantidos e respeitados resistem e acreditam na Educação do Campo, desejam compartilhar o que aprendem, deixando em evidência que a reciprocidade e a solidariedade ainda são elementos característicos do meio rural.

O acesso às telecomunicações, como já mencionado, ainda acontece de modo precário nas comunidades rurais e também nas escolas rurais, fazendo com que os estudantes tenham dificuldades de acessar conteúdos extras para as aulas, até mesmo fazer a inscrição para participar do ENEM. Ao abordar as estratégias criadas pelos jovens para utilizar o telefone celular seja na sua comunidade (subir no pasto para o sinal funcionar) ou na escola (ao deixar o aparelho na janela), buscou-se evidenciar que mesmo com as restrições, os jovens desenvolvem estratégias para utilização da internet.

O telefone celular está presente de modo significativo nas vidas das pessoas. O seu consumo nem sempre acontece por uma necessidade, pode ser originário de uma necessidade de se inserir na sociedade em que vive ou manter o seu status. Por isso, foi preciso observar no segundo capítulo *“Eu não gosto de ser igual a ninguém”: o valor de uso e simbólico do telefone celular*”, como a cultura de consumo está afetando os jovens rurais.

Os valores dos telefones celulares que os jovens possuem chamam a atenção. Em alguns casos, os modelos custam mais do que a renda mensal da família. Essa consideração não tem por finalidade responsabilizar o jovem por um gasto que sobrepõe ao de sua família. Mas, demonstra o quanto a cultura de consumo afeta a sociedade numa proporção que foge a escala racional e atinge o aspecto da emoção e do sentimento. É importante ressaltar também que a maioria

³⁰ De acordo com levantamento da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) das 100 mil escolas rurais que existiam em 2002, cerca de 30 mil já foram fechadas até 2017. Fonte: DEISTER, Jaqueline. Cresce o número de escolas fechadas no campo no Brasil. 2018. Brasil de Fato (Org.). Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/2018/02/09/cresce-o-numero-de-escolas-fechadas-no-campo-no-brasil/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

dos jovens comprou o seu celular com o próprio dinheiro ou contou com a ajuda de algum familiar.

A cultura de consumo é um elemento-chave para compreender alguns processos relacionais na sociedade contemporânea. A todo tempo as pessoas são bombardeadas por informações que as estimulam a comprar cada vez mais, devido às necessidades criadas para a posse de bens materiais. Outro fator importante é o valor simbólico que o objeto possui e a sensação que o indivíduo sentirá ao possuí-lo, porque na maioria das vezes o consumo está baseado em se diferenciar ou se assemelhar ao outro. Nesse sentido, foi possível perceber que a motivação dos jovens rurais para adquirir um telefone celular surge do contato com a realidade de amigos que já possuem o aparelho. Uma necessidade de se assemelhar e de estar no grupo.

Esta cultura também sinaliza para uma mudança na forma como as pessoas se representam na sociedade. Diferentemente do que apontou Canclini (1995, 2009) o consumo não altera a identidade totalmente, mas ele é um dos fatores que ajuda a construir uma nova configuração. Dessa forma, torna-se importante pensar a identidade tendo a diferença como o início do processo, pois é essa necessidade constante de diferenciação que gera as identificações e os novos agrupamentos (SILVA, 2000).

Outro aspecto fundamental para entender a cultura de consumo é o modo como os objetos são apropriados. Esse processo de apropriação amplia a discussão, considerando que mais do que saber se os jovens rurais possuem ou não um telefone celular é necessário compreender como ele está inserido e utilizado em seu dia a dia. Percebeu-se com as entrevistas, que o aparelho surge como alternativa para os jovens se comunicarem com os amigos e familiares, principalmente, quando estão no tempo escola. Além disso, atua como um facilitador na hora de fazer pesquisas escolares e um empecilho por desviar a atenção quando estão em aula. Esses desvios podem ser causados por brincadeiras em grupos ou por escutarem música no fone de ouvido enquanto a aula acontece. Em contrapartida, o aparelho é um facilitador nas tarefas escolares por ser mais

barato que um computador convencional e permitir a elaboração de apresentações, registro de visitas de campo, recebimento de e-mail entre outros.

O telefone celular junto da internet possibilita aos jovens rurais uma nova forma de se informar e rompe com as barreiras físicas da comunicação. No entanto, a busca por informações locais não desaparece em detrimento do global, vê-se uma nova forma de saber o que acontece na região por meio do compartilhamento de mensagens e informações nas redes sociais e em sites noticiosos. Percebe-se, por parte de alguns, uma nova forma de leitura, mais rápida e dinâmica, e o questionamento sobre a veracidade da informação transmitida pela televisão ou familiares.

O último capítulo deste trabalho, “*Sociabilidade e os arranjos sociais dos jovens rurais*”, teve por objetivo apresentar como o telefone celular está presente no cotidiano dos jovens rurais proporcionando novas maneiras de sociabilidade. Por isso, foi necessária uma pesquisa bibliográfica que ajudasse na compreensão da sociabilidade, da comunidade e das redes sociais.

A sociedade somente existe a partir do momento em que os indivíduos interagem e criam vínculos, sejam eles positivos ou negativos. Toda a ação realizada pelo sujeito necessita da reação do outro, porque o elemento basilar da sociabilidade é a reciprocidade. Para alcançar os seus objetivos é necessário que os indivíduos se agrupem e compartilhem de códigos que direcionem suas vontades. Entretanto, a vontade individual de uma pessoa pode afetar o comportamento do grupo. Assim, é necessário que os anseios sejam compartilhados, do contrário, pode comprometer a sociabilidade. Os grupos podem se formar não apenas para alcançar objetivos concretos, por exemplo, em uma corporação que busca lucro. Há também as socializações que acontecem no âmbito simbólico, por meio das emoções e sentimentos que as pessoas compartilham ao estarem juntos. Revela-se, dessa forma, que o consumo do telefone celular pode ser uma matéria de socição em que os indivíduos buscam se assemelhar ou diferenciar dos demais.

Para compreender as interações que acontecem por meio do telefone celular, sobretudo, quando é utilizado para acessar as redes sociais foi necessário entender os funcionamentos das comunidades. De modo especial, as comunidades

rurais se estabelecem com fortes laços de solidariedade e reciprocidade. Valores que não se perdem e são passados de geração para geração. O comportamento dos rurais em suas comunidades revelam traços que evidenciam o aspecto religioso, a ajuda mútua, as relações de trabalho e as festividades que proporcionam momentos de relação. Apesar da aparente distância que existe entre uma moradia e outra no espaço geográfico das comunidades, isso não coloca os rurais numa posição isolada. Pelo contrário, suas atitudes nos mutirões, por exemplo, refletem uma disposição em ajudar o outro sabendo que depois pode ser ele a precisar da ajuda.

Os agrupamentos que se formam presencialmente também se encontram no espaço virtual. As redes sociais são os ambientes mais propícios para que as pessoas se encontrem e se relacionem por meio dos grupos ou conversas individuais. De certo modo, os agrupamentos refletem a realidade com suas temáticas de: estudo, religião, festas, trabalho e outras. Contudo, nem sempre participar destes grupos é visto de forma positiva pelos jovens rurais. No WhatsApp o seu contato pode ficar evidente para pessoas desconhecidas causando um desconforto posteriormente. Enquanto no Facebook as inúmeras publicações e mensagens podem dispersar o objetivo do grupo. Outro perigo relatado é as conversações com pessoas desconhecidas. A incerteza sobre as informações pessoais da pessoa que está do outro lado da tela deixa os jovens numa posição de insegurança. Além disso, as redes sociais proporcionam diferentes maneiras de interagir por meio das curtidas e compartilhamentos. Os jovens relataram gostar de saber da realidade da outra, ver notícias e o que acontece em sua volta.

O telefone celular facilita o acesso às redes sociais, e é por meio delas que boa parte da socialização acontece. As ligações realizadas de maneira convencional são feitas para os familiares e são raras. As demais conversações são realizadas por meio das redes sociais e com diferentes tipos de pessoas. O aparelho proporciona uma conexão maior quando os jovens estão na escola durante uma quinzena, mesmo sem crédito para usar, eles conseguem se informar por meio dos colegas. Segundo relatos, alguns pais já utilizam o telefone celular e as redes sociais como uma forma de se comunicar com os parentes que estão longe. Apesar dos benefícios, o aparelho também pode atrapalhar as socializações

que acontecem na realidade. A sua utilização nas salas de aula para ouvir música ou durante as refeições podem impedir que o objetivo inicial fosse alcançado. Assim, entre o grupo de alunos que se reúnem com o interesse de aprender pode haver dispersão e reduzir a reciprocidade necessária para com o monitor da disciplina.

O trabalho realizado foi capaz de confirmar a hipótese de que o telefone celular tem se inserido no cotidiano dos jovens rurais proporcionando diferentes formas deles se comunicarem em diferentes contextos, sobretudo, graças às redes sociais. Além disso, percebeu-se que o aparelho atua de maneira crucial na socialização de eles com os que estão perto e distantes fisicamente, reforçando os laços fortes existentes. Também foi possível observar que o dispositivo é capaz de demarcar status, se tornando elemento de diferenciação e inserção entre as pessoas.

Dentre as dificuldades encontradas para a realização da pesquisa é necessário destacar as limitações enfrentadas pelos jovens do curso de Licenciatura em Educação do Campo. O projeto pedagógico da graduação prevê que as aulas fossem realizadas com períodos de alternância quinzenais. Porém, sem o auxílio moradia, cortado no governo Temer (2017-2018), para permanecer na universidade no período de aula. Os estudantes tiveram apenas duas quinzenas de aulas realizadas uma em agosto e outra em dezembro de 2018. Tornou-se um limitante porque a carga horária de aula se tornou exaustiva para eles não havendo muitos momentos livres para a realização das entrevistas. Contudo, a limitação do pesquisador não é nada perto da dificuldade dos alunos para estudar.

Este trabalho não teve a pretensão de esgotar a temática, pelo contrário, se torna o impulso para que outras pesquisas sejam realizadas. Os estudos sobre os jovens rurais e sua relação com as Tecnologias da Informação e Comunicação ainda são poucos, porque geralmente a temática está mais voltada para as áreas urbanas. O recorte utilizado foi muito específico, portanto, não permite que sejam feitas generalizações. Principalmente, porque a juventude rural é uma categoria heterogênea e rica em diversidade. A partir desta pesquisa surgiram inquietações para futuras pesquisas sobre como os jovens rurais consomem informações, produzem conteúdos para redes sociais ou o uso das TICs para fins comerciais. A

classificação étnico-racial dos entrevistados também abre possibilidade para futuras pesquisas que vislumbrem explorar a identidade e a riqueza cultural dos jovens rurais. Enfim, há um universo de possibilidades a ser explorado e que merece a atenção das instituições acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Adriana; ROCKCONTENT. **Instagram: saiba tudo sobre esta rede social!** Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/instagram>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ANATEL. Agência Nacional das Telecomunicações. Setor Regulado. **Atendimento rural.** Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/setorregulado/telefoniamovel>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

ANATEL. Agência Nacional das Telecomunicações. Setor Regulado. **Telefonia Móvel - Municípios atendidos.** Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/setorregulado/telefoniamovel-universalizacao>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

ANATEL. Agência Nacional das Telecomunicações. Setor Regulado. **Telefonia móvel – compromissos de abrangência.** Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/setorregulado/component/content/article/115-universalizacao-e-ampliacao-do-acesso/telefoniamovel/425-telefoniamovel-compromissos-de-abrangencia>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

BARASUOL, Aline; DOULA, Sheila Maria; BOESSIO, Amábile Tolio. **Jovens e juventudes em contextos rurais: produções científicas da pós-graduação brasileira (2010-2015).** Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 239-262, maio/ago. 2017.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte.** 1ª ed. Éditions Gallimard, 1976. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade, IN: **Tratado de Sociologia, sob a direção de Raymond Boudon.** Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995, cap. 02.

BRAGA, Adriana. **Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais.** Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 9, ago/dez, 2011, pp. 95-104.

BRANCO, Sérgio. **Fake news e os caminhos para fora da bolha.** Interesse Nacional, São Paulo, ano 10, n. 38 , p. 51-61, ago./out. 2017.

BRASIL. PLANALTO. (Org.). **Lei Geral das Telecomunicações.** 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9472.htm>. Acesso em: 24 ago. 2018.

BRASIL, Comitê Gestor da Internet no (Org.). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2017** = Survey on the use of information and communication technologies in brazilian households : ICT households 2017. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br -, 2018. Disponível em: <www.cetic.br>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BREITENBACH, Fabiane Vanessa. **A educação do campo no Brasil: uma história que se escreve entre avanços e retrocessos.** Revista Espaço Acadêmico, nº 121, ano XI, Junho de 2011.

BRUMER, Anita. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade.** In: CARNEIRO, Maria José; GUARANÁ, Elisa (Org.). Juventude em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 35-52.

BOCZKOWSKI, Pablo; MATASSI, Mora; MITCHELSTEIN, Eugenia. **El medio ya no es medio ni mensaje.** Revista Anfibia. Universidad Nacional de San Martin. 2016.

BOURDIEU, Pierre. (2008) **A Distinção. Crítica Social do Julgamento.** Porto Alegre: Zouk.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: **Cultura, Consumo e Identidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 47-64.

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** 1995. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

_____ **Consumo, acesso e sociabilidade.** Comunicação, Mídia e Consumo. Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo. Vol.16 nº16, p.111-127 jul.2009.

CANTÚ, Ariadna. CIMADEVILLA, Gustavo Ramón. **Comunicación y Ruralidad. Vigencia y obsolescencia de las teorías clásicas.** Comunicación, Ruralidad y Desarrollo, 2015.

CASTILLO, Luis Araya. GAJARDO, Margarita Pedreros. **Usos del celular em jóvenes chilenos de bajos recursos.** Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud 2013, 11 (1). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77325885011> > Acesso em 01 de setembro de 2017.

CARDOSO, Sabine Ruth Popov. **Juventude Rural e perspectivas de novas realidades por meio de ações presentes: experiência com jovens do Assentamento Silvio Rodrigues.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG/MADER. Universidade de Brasília – UnB. Brasília – DF, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/19131>> Acesso em: 22 ago de 2017.

CARNEIRO, Maria José. **Juventude e novas mentalidades no cenário rural.** In: CARNEIRO, Maria José; GUARANÁ, Elisa (Org.). Juventude em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 35-52.

CASTRO, Antônio Maria Gomes de. **Juventude Rural, agricultura familiar e políticas de acesso a terra no Brasil.** Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília, 2013.

CRUZ, Rossana Reguillo. **Emergencia de culturas juveniles – estratégias del desencanto.** Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación. Grupo Editorial Norma, 2000.

DEISTER, Jaqueline. **Cresce o número de escolas fechadas no campo no Brasil.** 2018. Brasil de Fato (Org.) Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/02/09/cresce-o-numero-de-escolas-fechadas-no-campo-no-brasil/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ENNE, Ana Lúcia. **Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade.** Dossiê Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, vol. 7, n. 20, p. 13-35. Novembro, 2010.

FACEBOOK. **Sobre o Facebook no Brasil.** Disponível: <https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/> Acesso em: 15 dez. 2018.

FEATHERSTONE, Mike. Estilo de vida e cultura do consumo. In: **Cultura de Consumo e pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995, p.119-133.

FELLIPI, A. C. T.; ESCOSTEGUY, A. C. D. . **Juventude rural e novas formas de sociabilidade: Um estudo do uso do celular no sul do Brasil.** Revista Latinoamericana De Ciencias De La Comunicación, v. 14, p. 140-150, 2017.

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. **Educação do campo: um olhar histórico, uma realidade concreta.** Anais do 5º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais, Unioeste, Cascavel – Paraná, 2011.

FILHO, João Freire; LEMOS, João Francisco de. **Imperativos de conduta juvenil do século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira.** Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo. Vol. 5, n. 13, p. 11-25. 2008.

FRANÇA, Vera; DORNELAS, Raquel. **No bonde da ostentação: o que os "rolezinhos" estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira?** REVISTA ECOPÓS, COMUNICAÇÃO E GOSTO Dossiê. ISSN 2175-8689, V. 17, N. 3, 2014.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia; MACEDO, Juliana Gomes de. **Cultura juvenis: uma ressignificação contemporânea?** Revista Travessias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. v. 3, n. 2 (2009).

HAESBAERT, Rogério e LIMONAD, Ester. **“O território em tempos de globalização”.** ETC, espaço, tempo e crítica - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas. 15 de Agosto de 2007, nº 2 (4), vol. 1.

LEMIEUX, Vincent; MATHIEU, Ouimet. **Análise Estrutural Das Redes Sociais - Epistemologia e Sociedade.** Instituto Piaget, 2ªed, 2012.

LEMOS, André. **Cibercultura e mobilidade. A Era da Conexão.** Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UERJ, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. “Raça e História” in Antropologia Estrutural II Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1976.

LIMA, Karina Medeiros de. **Determinismo tecnológico.** Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande - MS, set, 2001.

LIMA, Francisco Silva de. **Amizades e sociabilidades escolares no Facebook: um estudo sobre a conversação online entre jovens moradores da zona rural de Pelotas.** Dissertação. Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade Federal do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. As três eras do capitalismo de consumo. In: **A felicidade paradoxal – ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo.** Companhia das Letras, 2006, p. 26 – 127.

LOPES, Kamil Cheab David. **Juventude Rural, tecnologia e trabalho: as demandas de qualificação e domínio tecnológico para a inserção laboral no rural Multifuncional – Jeceaba MG.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. Universidade Federal de Viçosa, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, p. 15-33. 1984.

_____ **A república dos bons sentimentos.** Editora Iluminaras, São Paulo, 2009.

MORAES, Lívia Assad de. **Sociabilidade e mediações tecnológicas na era da comunicação instantânea.** Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades. Dissertação. Universidade Federal Fluminense, 2016.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos.** Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

_____ **A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse.** Revista Saúde Soc. São Paulo, v.18, n. 23, p. 371-381, 2009.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude rural: suas construções identitária.** Coleção Teses e Dissertações, n. 74. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 2011.

PEREIRA, Jaqueline da Silva. **Do consumo as apropriações: o uso de *smartphone* por estudantes do ensino médio em Cuiabá.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 10. Volume 1. Janeiro-Junho de 2016.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências.** Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom, Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

PIZA, Edith. ROSEMBERG, Fúlvia. **Cor nos censos brasileiros.** REVISTA USP, São Paulo, n.40, p. 122-137, dezembro/fevereiro 1998-99.

PONTES, Paulo Cesar; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. **O tempo real dos jovens: juventude como experiência acumulada.** 1ª Edição. Rio de Janeiro. Letra Capital, 2013.

PRADO, Rosimeire Camargo; SOUSA, Michele Maria da Silva. **Educação do campo na perspectiva de Paulo Freire.** Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia Feesu-Unipac, 2015.

OLIVEIRA, Luciana de. VIEIRA, Vanrochris Helbert. **Nas tramas do discurso: sociabilidade comunicação cultura poder.** Revista Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 33, p. 46-63 maio/ago. 2015.

OLIVEIRA, Filipe; PAULO, Folha de São. **Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em Redes Sociais na Internet: propostas de tipologia baseada no Fotolog.com**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006.

_____ **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. Revista Verso e Reverso, XXVIII (68), Unisinos, maio-agosto 2014.

RIBEIRO, Elisa Calvete Ulema. BARBOSA, Gabriel Soares. MOREIRA, Benedito Diélcio. **Jovens rurais: excluídos dos computadores e incluídos nas redes sócias pelo celular**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013. Disponível em: < <https://goo.gl/C9kxGP> > Acesso em 26 de agosto de 2017.

RODRIGUES, Antonia Zeneide. **Redes Sociais e novas sociabilidades: os usos do Facebook por jovens de Forquilha-CE**. Caravela Selo Cultural, 2016.

SANTANA, Everaldo Costa. **Juventude, Tecnologias da comunicação e desenvolvimento local: análise da recepção da proposta do Grupo de Informática, Comunicação e Ação Local por jovens do meio rural**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Departamento de Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

SANTOS, Esmeraldo Leal dos. **Juventude, formação política e identificação com o MST**. Libertas, Juiz de Fora, edição especial, p.68 - 81, fev / 2007 – ISSN 1980-8518.

SANTOS, Rosselvelt José. KINN, Marli Graniel. **Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais**. Revista Espaço e Cultura, UERJ, N. 26, p. 58-71, jul/dez de 2009.

SANTOS, Kátia Maria Limeira. **Educação rural no Brasil: um olhar a partir do contexto histórico**. IV Congresso Sergipano de Histórico e IV Encontro

Estadual de História da ANPUH/SE. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2014.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Juventude, Mídias e TIC. In: SPOSITO, Marília Pontes. **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Editora Argumentvm, Vol 2, Belo Horizonte/MG, 2009.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade. In: **___ Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 59-82.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **“A produção social da identidade e da diferença”**. IN: SILVA, Tomaz (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 73-102

SILVA, Jonathan Fagundes da. LOPES, Ivonete da Silva. **As interações dos jovens rurais universitários por meio do telefone celular**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville - SC, 2018.

SLATER, Don. **Cultura de Consumo e modernidade**. Editora Nobel, 1ª edição 1997.

SOUZA, Juliana Lopes de Almeida. ARAÚJO, Daniel Costa de. PAULA, Diego Alves de. **Mídia social WhatsApp: uma análise sobre as interações sociais**. Revista Alterjor, Ano 06, Vol. 01, Edição jan-jun de 2015..

TAUK SANTOS, Maria Salett. **Juventude rural em tempo de redes sociais**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/2011/resumos/R6-2043-1.pdf> > Acesso em 27 de agosto de 2017.

TONDO, Romulo. **Celulares, Conexões e Afetos: a sociabilidade e o consumo de smartphones entre jovens de comunidade popular**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e

Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Rio Grande do Sul, 2016.

UNEFAB – União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (Brasil) (Org.). **Histórico União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil**. 1982. Disponível em: <<http://www.undefab.org.br/p/historico.html#.WVetRXysdU>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

VICENTE, Eliana. **Consumo e estima social: análise sobre as motivações do consumo ostentação por parte dos jovens das camadas populares**. In: Composição : revista de ciências sociais / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. – a. 9, n. 16, p. 60-81. (Janeiro – Junho de 2015) - Campo Grande, MS : A Universidade, 2015.

WHATSAPP. **Sobre o WhatsApp**. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/about/>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Televisión: Tecnología y forma cultural**. 1ª ed. – Buenos Aires: Paidós, 2011.

WOORTMANN, Klass. “Com parente não se negocia”. O Campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico/87.

WOORTMANN, Elle F. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do Nordeste**. São Paulo – Brasília: HUCITEC/Editora de Brasília (1995).

WOORTMANN, Elle F; WOORTMANN, Klass. **O trabalho da terra – a lógica e a simbólica da lavoura camponesa** – Editora Universidade de Brasília (1997).